



o MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 23

SETEMBRO-OUTUBRO DE 1957

ANO 23





“Sua Melhor Hora”

Os agricultores que reabastecem de pão a nação, nada mais temem do que a seca ou a garoa, quando necessitam de chuvas. O profeta Oséias usa esta figura para ilustrar o êxito da igreja em sua vitória final.

Que os dias de sua oportunidade são escassos é um fato que de pouca prova necessita. Em conformidade com o registro profético, as horas finais da igreja deverão ser suas melhores horas. Entretanto, a presente situação assume alguma perplexidade ao lembrarmos que está em suas horas finais, mas não nas melhores.

Estamos batizando dezenas de pessoas em vez de milhares. Em alguns lugares está o pecado assumindo a proporção de objeto inamovível e não tem feito senão entrar o progresso da força irresistível. Na experiência de muitíssimos ministros ocorre a agonia da derrota, em vez do cântico de triunfo. Não vê ele o esplendor magnífico da aurora, mas as sombras indefinidas do escurecer.

Não temos uma necessidade imperativa de mais profunda revelação da graça de Deus? Que os homens são justificados pela fé e santificados pela graça é a mensagem que devemos fazer soar aos ouvidos de um mundo desiludido. Pela falta deste verdadeiro conceito sofre a igreja cristã carência de espírito. Mas, quando Cristo e a plenitude de Sua redenção são apresentados ao mundo, os homens a quem Deus chama, *não podem resistir*. “E Eu, quando fôr levantado da Terra... todos atrairei a Mim,” declarou o Salvador. Este é o poder de Deus para a salvação. Quando à trombeta fôr dado este sonido certo, a presente garoa transformar-se-á na chuva serôdia. Por isto nós, os obreiros, devemos orar e para isto fazer planos.

E. E. C.

“Observem as Variações!”

HAVENDO-ME sido pedido que participasse de um ensaio musical para um concerto da primavera, interessei-me nas técnicas do diretor musical do colégio. Enquanto estava aprimorando a parte expressiva de um cântico, ele interrompeu os cantores com esta observação: “Por favor, observem as variações!” E então cantou a parte como ela devia ser cantada. Por estar eu trabalhando numa redação, onde muitas vezes falta aos artigos a devida

ligação, fiz uma interessante comparação mental.

Também nos é preciso prestar atenção às ligações em nossas reuniões, quer religiosas quer sociais. Lembramos uma destas, quase perfeita, num sábado, com copiosas bênçãos espirituais. Tratava-se de um programa de jovens. Durante o culto vespertino evidenciou-se a presença do Espírito de Deus na congregação. Logo nos dispersamos, sentindo perfeita harmonia, pois Deus falara poderosamente por meio de Seus servos.

Para gaudío daquela juventude, seguiu-se uma bem sucedida reunião noturna. A comissão organizadora planejara bem tôdas as suas partes. E podemos acrescentar que ela foi bem uma amostra das muitas que temos tido em nosso meio. Ao terminar, os jovens entusiástica e um tanto espalhafatosamente votaram o seu pleno êxito. Mas sempre existem entre nós algumas almas perspicazes que sentiram profundo desapontamento. Felizmente ponderaram estas coisas secretamente. Uma poucas partes não satisfizeram as normas adventistas, pois houve alguma leviandade e frivolidade. Benêvolamente podemos refletir: Não haverá mudança? Não é tempo de o ministério guiar as reuniões sociais da igreja, ou estão êles esperando pelas variações?

L. C. K.

A Recompensa do Serviço

“QUANDO deres um jantar, ou uma ceia, disse Cristo, “não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes nem vizinhos ricos, para que não suceda que êles te tornem a convidar, e te seja isso recompensado. Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos, e serás bem-aventurado; porque êles não têm com que te recompensar; mas recompensado te será na ressurreição dos justos.” S. Luc. 14:12-14.

Cristo pinta nessas palavras um contraste entre as práticas interesseiras do mundo e o desprendido ministério de que Ele deu o exemplo em Sua vida. Ele não oferece por êsse ministério nenhuma recompensa de lucro ou reconhecimento mundano. “Recompensado te será”, diz Ele, “na ressurreição dos justos.” Então se tornarão manifestos os resultados de tôdas as vidas, e cada um ceifará aquilo que semeou.

Êste pensamento deve ser para todo obreiro de Deus um estímulo e animação. Nossa obra para Deus parece muitas vezes nesta vida quase infrutífera. Nossos esforços para fazer o bem talvez sejam diligentes e perseverantes, e todavia é possível que nos não seja dado ver-lhes os resultados. Talvez o esforço se nos afigure perdido. Mas o Salvador assegura-nos que nossa obra se acha registada no Céu, e que a recompensa não pode falhar. Diz o apóstolo Paulo; escrevendo inspirado pelo Espírito Santo: “Não nos cansemos de fazer bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido.” Gál. 6:9. — *Obr. Evangélicos*, págs. 512 e 513.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia
Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Lulz Waldvogel
Redator associado — Rafael de A. Butler
Colaborador especial:
Walter E. Murray

NOSSA CAPA

A igreja de Maringá, Paraná, no dia de sua
dedicação.



ANO 23	Nº. 5
DE CORAÇÃO A CORAÇÃO	
“Sua Melhor Hora”	2
“Observem as Variações!”	2
A Recompensa do Serviço	2
ILUSTRAÇÕES	
Não Há Tempo para Eficiência	3
Uma Experiência Desagradável	3
Ofertas	3
ARTIGOS GERAIS	
Os Grupos Religiosos em Relação com Nosso Evangelismo — Parte III	4
A Maior Necessidade do Obreiro, “A Unção do Espírito Santo”	6
Os Métodos Modernos da Irmã White	7
Pregação Bíblica Convicente	8
Qualificações para a Ordenação de Ministros	9
OBRA PASTORAL	
Métodos de Instrução de Adultos na Igreja	12
A Característica da Pregação Adventista	13
A Conservação de Nossos Membros	15
EVANGELISMO	
Pregando um Evangelho que tem por Centro a Cristo	16
Os Homens de Que Se Necessita	19
O Valor do Ofício do Canto	20
A Sra. Ellen G. White e as Notícias Diárias	21
NOTAS E NOTÍCIAS	24

ILUSTRAÇÕES

Não Há Tempo para Eficiência

A falta de visão que muita gente tem ao não tomar tempo para o fortalecimento de sua vida espiritual, é ilustrada por esta pequena jóia e extraída de “Now”:

“Um lenhador suarento que não estava produzindo bem foi convidado a parar e afiar o seu machado. Retorquiu ele: ‘Já é trabalho árduo bastante terminar êste serviço sem tomar tempo para afiar um machado!’”

Uma Experiência Desagradável

CERTO evangelista perguntou a um padeiro se era membro de alguma igreja, e esta foi a resposta: “Eu era membro de uma, mas desde que um dos membros me decepcionou, não quero mais saber de igreja alguma.”

“Eu também tive essa mesma espécie de experiência com um padeiro,” disse o evangelista. “Ele me vendeu um pão mofado e, desde então perdi a confiança em todos os padeiros.”

Em defesa própria, respondeu imediatamente o padeiro que todos não deveriam ser igualmente julgados pelo mau procedimento de um. Então, ao olhar para êle o evangelista, com um sorriso inquiridor, reconheceu o padeiro que o evangelista se apropriara de seu próprio raciocínio. — *The Ministry*, dezº. de 1956.

Ofertas

ESTAVA um senhor rico no cais do pôrto esperando a partida de um transatlântico. Aproximou-se dêle um conhecido, que lhe disse: “O senhor parece estar muito alegre por alguma coisa.”

“Sim,” disse o homem, “sinto-me extraordinariamente alegre hoje. Tenho dentro dêsse navio cêrca de um milhão de cruzeiros em equipamento para um hospital na China, e vim para apreciar a sua partida.”

— Isto é muito interessante, e me alegra que o senhor haja feito essa oferta, disse o amigo.

— E, sabe? também tenho uma oferta a bordo. Minha filha única está a bordo e vai para a China, para dedicar ali a vida como missionária.

O amigo olhou, enternecido, aquêle pai, e exclamou:

— Meu prezado amigo, ao pensar eu no que êsse sacrifício representa para você, eu me sinto como se nunca houvesse dado coisa nenhuma. — 3.000 *Illustrations for Christian Service*.

ARTIGOS GERAIS

Os Grupos Religiosos em Relação com Nosso Evangelismo

PARTE III

LUIZA C. KLEUSER

(Secretária adjunta da Associação Ministerial da
Associação Geral)

AO PROSEGUIRMOS com esta breve série de artigos sobre nosso trato com as pessoas de outras crenças protestantes, buscamos fornecer alguma guia aos nossos obreiros que, no evangelismo, terão contato com crentes desses vários grupos religiosos, não meramente para informá-los dos fatos e práticas denominacionais, mas também para encontrar um elemento de aproximação cristã para partilhar a nossa mensagem da volta de Cristo. Havendo nós anteriormente estudado os presbiterianos, episcopais, metodistas e quakers, dediquemos agora nossa atenção aos batistas.

Os Batistas

Reconhecem os adventistas que muito têm em comum com os batistas cujas crenças também se centralizam na Bíblia. A ênfase no Novo Testamento talvez mais do que no Velho, é atribuída ao seguinte: Os batistas consideram-se uma continuação da primitiva igreja do Novo Testamento, pretendendo alguns dentre eles que João Batista haja sido o seu fundador. Houve na Inglaterra uma corporação de batistas, antes de 1640. Surgiram grupos que se tornaram conhecidos por anabatistas (agora menonitas) porque insistiam no rebatismo, com base em que o batismo de crianças não é escriturístico. Roger Williams fundou a primeira igreja batista em Providence, Rhode Island, em 1639. Os batistas pugnaram pela separação da Igreja, do Estado, princípio que os adventistas aprenderam de seu fervor.

Os batistas são fundamentais nas doutrinas cristãs básicas. Dão ênfase à vida espiritual, mas dificilmente podem ser classificados como reformadores, na acepção adventista do termo. São evangelistas zelosos no país e no estrangeiro. Os princípios básicos batistas podem ser assim enumerados: 1) a supremacia das Escrituras e não da Igreja em assuntos de crença e doutrina; 2) liberdade religiosa; 3) o batismo de crentes e não de crianças. Notamos que nem todos os batistas apoiam a doutrina do castigo infundável no lago de fogo, mas muitos o fazem. Mantêm que os sacramentos são "ordenanças honrosas" mais do que sacramentos. A ceia do Senhor é um culto memorial sem graça sobrenatural. Com muitas de suas doutrinas os adventistas concordarão, mas não com todas.

No tocante à volta iminente de Cristo, apegam-se os adventistas a outra interpretação da profecia.

A nossa é histórica, e a dos batistas, futurista, que é hoje conhecida por dispensacional. Vemos nesse ponto confusões crassas quanto à cronologia e a acontecimentos relacionados com o fim. Os batistas também esperam a breve volta de nosso Senhor, mas em grande proporção favorecem o dispensacionalismo.

O adventismo foi guiado à verdade do sábado pelos batistas do sétimo dia. Pode notar-se que, como grupo, os batistas não são rigidamente Calvinistas nem Arminianos. Existem entre eles bastantes marcas distintivas para dar lugar ao liberalismo, e a tolerância se encarrega do que o adventismo não poderia aprovar. Os batistas necessitam hoje de uma mensagem profética bem definida, tal como pretendem possuir os adventistas.

Discípulos, a Igreja Cristã

A seguir, sugerimos que Discípulos de Cristo, Igreja de Cristo e Igreja Cristã, usados indiferentemente, são o nome de uma grande corporação indígena nos Estados Unidos no início do século dezenove. "Históricamente, as igrejas de Cristo, que pretendem ser identificadas com a igreja do Novo Testamento, e vigorosos defensores da volta ao cristianismo do Novo Testamento, têm os mesmos antecedentes dos Discípulos de Cristo." — Citado por Vergilius Ferm em *American Church*.

Por ocasião do recenseamento federal de 1906 estes dois grupos foram classificados separadamente e cada um deles tomou seu próprio rumo, seguindo os princípios que os têm apartado mais e mais. Mas há tanto antecedente comum que, para abreviar, consideramo-los uma única entidade.

A Igreja Cristã surgiu em Kentucky e Ohio com Barton W. Stone por chefe: os Discípulos surgiram em Pensilvânia e Virgínia, tendo por chefes Thomas e Alexander Campbell e Walter Scott. Esses quatro líderes que tinham antecedentes presbiterianos, trocaram de pensar Calvinista para Arminiano. Estas igrejas dão ênfase ao evangelho da unidade dentro da Igreja Universal. Seus lemas são: "Nenhum credo além de Cristo, nenhum livro além da Bíblia, nenhum nome além do divino." E também: "Nos pontos essenciais, unidade; na opinião, liberdade; em todas as coisas, caridade." Em comum com outros cristãos têm seus liberais bem como fundamentalistas.

O batismo é feito por imersão. A doutrina do

pecado original é repudiada. Mas ainda crêem na natureza pecadora do homem a menos que e até que seja redimida pelo sacrifício salvador de Cristo. Com normas mais elevadas, se bem que na prática não sejam reformadores, e não muito dogmáticos na doutrina, exercem influências em grandes áreas dos Estados Unidos. Quaisquer que fôsem as interpretações dadas por Campbell à profecia, nunca pôs nela grande ênfase em seus escritos. Neste ponto é necessário esforço para interessar os Discípulos. O reconhecê-los como uma fusão das crenças presbiterianas, batistas e metodistas, ajudar-nos-á em nossos contatos de evangelização. Também, uma tal amalgamação, sugeria opinião muito flexível quanto às doutrinas que exigem uma posição presentemente. Neste sentido podem os adventistas ser um verdadeiro auxílio para êste grupo.

Os Morávios

Quando Martinho Lutero, fundador do luteranismo afixou suas noventa e cinco teses em Wittenberg, em 1517, os Irmãos Boêmios já estavam organizados havia sessenta anos e somavam cerca de 200.000 membros em quatrocentas igrejas. As raízes morávias retrocedem até João Huss, da Boêmia. A guerra dos Trinta Anos e a contra-reforma absorveram-lhes os membros para as igrejas luterana, reformada e católica. Sob a chefia do conde Zinzendorf a igreja morávia assumiu feição decididamente devota em sua colônia Herrnhut, onde também se formou o espírito das missões de além-mar. Betlehem e Pensilvânia tornaram-se a base moraviana no Novo Mundo. Em novo solo perdeu ela a concepção luterana da igreja como um movimento dentro do Estado.

Os morávios nunca formularam um credo distintivo; uma fé centralizada em Cristo tem para eles muito mais importância do que um credo. Sobre a importância da doutrina, admitem que "em parte conhecemos" (I Cor. 13:9); declaração que é muito significativa quando nova luz lhes é levada. Eles são fundamentalistas. Suas opiniões quanto à reconciliação, justificação, santificação e glorificação são idênticas às do luteranismo. Existe, porém, ênfase muito mais forte quanto a segunda vinda de Cristo. Seu culto é menos ritualista do que o dos luteranos. Quanto à ceia do Senhor existe a tendência para a interpretação dos emblemas segundo a Igreja Reformada. A comunhão, como no luteranismo, em geral inclui a cerimônia preparatória. O batismo é feito quer por derramamento quer por aspersão da água. Os morávios insistem mais na reforma do indivíduo do que em movimentos de reforma. Existe cooperação interdenominacional, e isto sugere interesse na compreensão das demais corporações religiosas. Existe muito terreno comum com o adventismo.

A igreja luterana na América foi influenciada pelo espírito dos morávios, que lhe inspirou maior devoção. Foram os luteranos mais relutantes do que os morávios para abandonar suas tradições de igreja oficial trazidas da Europa para o Novo Mundo. Durante muitas décadas pugnaram os luteranos por que o culto da igreja fôsse efetuado em sua língua materna, especialmente as várias línguas teutônicas.

Os luteranos têm culto ritualista. Poderiam eles ser comparados à igreja anglicana, com seu ritualismo "baixo" e "alto." Convém notar que os luteranos crêem na instrução paroquial, e em geral não é difícil matricular os seus filhos em nossas escolas.

O batismo (aspersão de crianças), a ceia do Senhor e a confirmação são os três pilares, o gênio da comunhão luterana. O rito da confirmação—a aceitação pessoal do voto que os pais fizeram quando a criança foi aspergida—é fator forte para o apêgo dos luteranos à sua igreja. Uma instrução é, via de regra, ministrada pelo menos dois anos antes da confirmação, atuando o próprio pastor como instrutor e conselheiro pessoal. O catecismo luterano é ensinado meticulosamente a cada aluno que conte de doze a catorze anos de idade. Aprende êle, então, as origens históricas e a doutrina de sua igreja, e faz confissão pública de cristianismo bíblico por ocasião da confirmação. Tôda a experiência é gravada profundamente no jovem comungante, e é indiscutivelmente evangelista. Ela o estabiliza em tôda a sua vida. Êle não é facilmente persuadido contra as doutrinas de sua igreja.

Os luteranos são também fortes Trinitários. Os emblemas da ceia do Senhor sugerem um catolicismo modificado. Muita ênfase é posta na "presença" do Cristo, cujo corpo foi quebrado e cujo sangue foi derramado. A cerimônia da comunhão é mais do que um memorial; existe o elemento de mistério, talvez uma herança do catolicismo. Neste sentido a instrução tem que preceder a persuasão. De fonte autorizada declara-se que o luteranismo não tem progredido doutrinariamente desde os dias de seu fundador, Martinho Lutero. Em verdade, a maturidade da igreja produziu a maturação de sua posição dogmática original, mas os luteranos têm menos contato do que os morávios com outras denominações. Entretanto, muitos jovens luteranos estão quebrando barreiras antigas por meio de seus grupos de debates. Neste ponto podem os jovens adventistas ajudar com relações amigáveis com essa juventude luterana, que está demonstrando muito interesse em nosso forte movimento pró-temperança. Também, nossas Dorcas serão bem-vindas em ocasiões de emergência e desastre, pois os luteranos têm fama excelente de ajudar a aliviar o sofrimento humano.

(Continua no próximo número)



A Maior Necessidade do Obreiro

“A Unção do Espírito Santo”

A. G. STEWART

Veterano Líder e Missionário aposentado, Divisão Australasiana

COM a sempre crescente importância dada ao uso de auxiliares mecânicos no trabalho do ministro, tais como a televisão, flanelógrafos, filmes, gravadores de fita e muitos outros, perfeitamente valiosos em si, somos levados a pensar se o evangelista não se disporá, talvez inconscientemente, a confiar mais e mais nesses auxiliares materiais do que no único essencialíssimo: a unção do Espírito Santo.

A palavra *unção* ocorre apenas uma vez nas mil páginas da Escritura Sagrada. Acha-se em I S. João 2:20, que reza: “E vós tendes a unção do Santo.”

A significação da palavra *unção* é: “ungir ou o ato de ungir, a qualidade de linguagem ou de maneira de falar que exprime devoção, fervor religioso.” A extrema unção que é rito católico, é a unção de uma pessoa enferma que está a ponto de morrer.

A unção de que fala o apóstolo é evidentemente alguma coisa que o crente recebe diretamente do Santo e habilita essa pessoa para compreender a vontade ou o pensamento de Deus. Diz êle: “Tendes a unção do Santo, e sabeis tudo.” Isto também está indicado no evangelho de S. João, onde, falando dos discípulos como de ovelhas, êle diz: “Ouvem a Sua voz.” Esta iluminação celestial está muito definitivamente relacionada com a recepção do Espírito Santo, pois no mesmo capítulo, no versículo vinte e seis, João escreve: “Mas aquêlê Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, êsse vos ensinará tôdas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.”

João diz, também: “Mas quando vier aquêlê Espírito de verdade, Êle vos guiará em tôda a verdade; . . . e vos anunciará o que há de vir.”

Esta unção é o poder de que Cristo falou com tanta insistência aos discípulos, antes de Sua ascensão. Disse êle: “Eis que sôbre vós envio a promessa de Meu Pai. Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder.” (S. Lucas 24:49).

Evidentemente teria sido absolutamente fútil que os apóstolos compreendessem a grande comissão sem essa unção do Espírito Santo. Essa era uma medida de conselho dada por Cristo aos Seus discípulos antes de Sua ascensão para que êles compreendessem com clareza e a ela obedecessem implicitamente. Era imperativo que assim fôsse, e os resultados provam concludentemente o seu valor eterno. Sem êsse período de espera e preparo não poderia ter havido Pentecostes, e sem Pentecostes a igreja cristã primitiva teria fracassado em sua missão.

O veículo do tempo nos tem transportado uma longa distância, desde aquêlê acontecimento histórico, tanto em distância quanto em experiência.

Parece-nos haveremos ultrapassado a simplicidade daquela organização simples, permitindo-nos ficar desligados, por uma multiplicidade de organizações, da fonte vital do poder e da vida espiritual.

Tem-nos sido repetidamente chamada a atenção para nossa deplorável condição, por homens e mulheres tementes a Deus que de alguma maneira sentiram na alma a falência espiritual do ministério nestes tempos mais materialistas.

Do primeiro capítulo do pequeno livro *Power Through Prayer*, de E. M. Bounds, citamos o seguinte repto que merece ser meditado:

Estamos sempre empenhados na escolha de novos métodos, se não obcecados por essa idéia, novos planos, novas organizações para fazer progredir a igreja e garantir a ampliação e a eficiência do evangelho. Esta orientação da época tem a tendência de perder de vista o homem ou fazer desaparecer o homem no plano da organização. O plano divino consiste em fazer muito do homem, muito mais dêle do que qualquer coisa mais. Os homens são o método divino. A igreja busca melhores métodos; Deus busca homens melhores. “Havia um homem, enviado de Deus, por nome João.” A dispensação que proclamou e preparou o caminho para Cristo estava ligada àquele homem João. . . . O esplendor e a eficiência do evangelho estão ligados aos homens que o proclamaram. Quando Deus declara que “quanto ao Senhor, Seus olhos passam por tôda a Terra, para mostrar-Se forte para com aquêles cujo coração é perfeito para com Êle,” Êle expõe a necessidade humana e Sua dependência dêles como um conduto pelo qual exerça Seu poder sôbre o mundo. Esta verdade vital e urgente, esta era mecanizada está a ponto de esquecer. . . .

O que a igreja necessita hoje não é de mais nem melhor mecanização nem novas organizações ou mais modernos métodos, mas de homens a quem o Espírito Santo possa usar—homens de oração, homens poderosos na oração. O Espírito Santo não flui por meio de métodos, mas através de homens. Não Se manifesta em máquinas mas em homens. Não unge planos, mas homens—homens de oração.—Págs. 9 e 10.

Não foi a ligação com uma igreja magnificamente organizada, nem sua graduação teológica que habilitou Pedro para falar com todo aquêlê poder no dia de Pentecostes, quando milhares de almas ficaram convictas de coração e muitos exclamaram: “Varões irmãos, que faremos?” O segredo do poder dos apóstolos é-nos a todos nós notório: haviam implicitamente obedecido à instrução do Salvador. Juntamente com outros, êles “perseveravam unânimemente em oração e súplicas.” “E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. E de repente veio do Céu um som como de um vento veemente

e impetuoso, e encheu tôda a casa em que estavam assentados. . . . E todos foram cheios do Espírito Santo." (Atos 2:1-4). Isso foi "a unção do Santo."

"Isto é o Que"

Em explicação subsequente dêsse notável fenômeno, o apóstolo Pedro explicou: "Isto é o que foi dito pelo profeta Joel" (Atos 2:16). O isto nas palavras de Pedro foi a concessão de poder; o *que* foi a predição ou a predição profética do que aconteceria. Foi o *poder* contido na promessa do Salvador de que receberiam.

A experiência pentecostal foi apenas um cumprimento parcial da profecia de Joel, pois outra parte da profecia reza: "Porque Ele . . . fará descer a chuva, a temporã e a serôdia, no primeiro mês. (Joel 2:23).

Diz *Atos dos Apóstolos*:

"O derramamento do Espírito nos dias dos apóstolos foi o comêço da primeira chuva, ou temporã, e glorioso foi o resultado. Até ao fim do tempo, a presença do Espírito deve ser encontrada com a verdadeira igreja.

"Ao avizinhar-se o fim da ceifa da Terra, uma especial concessão de graça espiritual é prometida a fim de preparar a igreja para a vinda do Filho do homem." — Págs. 54 e 55.

"O derramamento do Espírito nos dias apostólicos foi a "chuva temporã" e glorioso foi o resultado. Mas a "chuva serôdia" será mais abundante." — *O Desejado de Tôdas as Nações*, Pág. 616.

Conquanto haja em tôrno de nós muita coisa para inspirar-nos confiança na guia divina ao testemunharmos a disseminação da mensagem em muitas terras, temos que reconhecer que não vemos a demonstração do divino poder em sua plenitude.

Podemos ver por tôda parte condições mundanas tais como guerra, fome, desavença nacional, busca de prazeres, imoralidade, descontentamento industrial, e dizemos: "Isto é o que" foi dito pelo profeta, ou pelo Senhor Jesus ou pelos apóstolos. Mas onde está aquela plenitude de poder de Seu Espírito que nos habilita a dizer: "Este é aquele poder, aquele anjo com grande poder para iluminar a Terra tôda.?"

Em *Atos dos Apóstolos*, pág 50, lemos:

"Não é por qualquer restrição da parte de Deus que as riquezas de Sua graça não fluem para a Terra em favor dos homens. Se o cumprimento da promessa não é visto como poderia ser, é porque a promessa não é apreciada como devia ser. Se todos estivessem dispostos, todos seriam cheios do Espírito. Onde quer que a necessidade do Espírito Santo seja um assunto de que pouco se pense, ali se verá sequidão espiritual, escuridão espiritual e espirituais declínio e morte. Quando quer que assuntos de menor importância ocupem a atenção, o divino poder, preciso para o crescimento e prosperidade da igreja, e que haveria de trazer após si tôdas as demais bênçãos, está faltando, ainda que oferecido em infinita plenitude.

"Uma vez que êste é o meio pelo qual devemos de receber poder, por que não sentimos fome e sede pelo dom do Espírito?"

Os Métodos Modernos da Irmã White

JOÃO MCGOUGAN

(Pastor-Evangelista da Missão Escocesa)

A MIÚDO, quando leio os artigos de *Ministry*, acêrca dos diversos aspectos do evangelismo em grande escala, sinto-me como a criança assombrada e esperançosa, perante uma vitrina de brinquedos caros, dando voltas a umas moedinhas que tem no bôlso. É sempre difícil saber como proceder numa série de conferências quando se dispõe de pouco dinheiro, especialmente quando na própria cidade natal, e são lembradas as muitas campanhas de evangelização já celebradas ali.

Ao pensar nestes problemas, ocorreram-me três possíveis soluções:

1. Uma maneira diferente de encarar a campanha para atrair as multidões.
2. Um assunto de interesse comum para manter as multidões.
3. A limitação dos gastos de propaganda a fim de conseguir um bom salão, e confiar mais na propaganda falada.

Surgiu, o ano passado, entre os membros da igreja escocesa, grande interesse pela medicina psicossomática. Pareceu-me, ao ler *The Ministry of Healing* (A Ciência do Bom Viver), que a única verdadeira cura psicossomática se opera quando a mente humana e seus pensamentos se põem em harmonia com as leis espirituais divinas. Portanto, os discursos foram feitos com base nos ensinamentos da Sra. Ellen White, que são geralmente apresentados no final da série. O pensamento-chave das reuniões, era: "Reformai-vos pela renovação de vosso entendimento", e "sêde um com o reino dos céus que está em vós". Citamos amiúde a irmã White com declarações tais como estas:

"Cumpr[e] [aos seres humanos] estudar a influência da mente sobre o corpo, e dêste sobre aquela, e as leis pelas quais são êles regidos. Não pode ser trazido demais à nossa lembrança que a saúde não depende do acaso. É resultado da obediência da lei." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 105.

Os Novos Métodos Deram Bom Resultado

O interesse suscitado foi surpreendente. Depois da apresentação do sábado e da rotura praticada na lei espiritual, a assistência subiu de 500 para 1000. Foi fácil, depois, apresentar a mensagem de Apocalipse 14 e outros temas correlatos. Ao reconhecerem os ouvintes de forma clara a razão de estarmos dirigindo essas reuniões: convidá-los para que guardassem os mandamentos de Deus e se unissem à igreja remanescente, simplesmente ficaram comovidos e, com alegria, aceitaram a verdade. O resultado final foi que se batizaram cinquenta pessoas, e entre elas muitos casais.

Pregação Bíblica Convicente

CARLYLE B. HAYNES

Ex-Secretário, da Comissão do Serviço de Guerra
da Associação Geral

A COISA que profundamente me interessou e impressionou, quando finalmente me decidi a freqüentar aquela série de reuniões noturnas na grande tenda, foi a maneira em que o pregador usava a sua Bíblia. Seu conhecimento da Bíblia era uma das coisas que mais se evidenciava.

Eu me recusara a ir a essas reuniões logo de início. A insistência de alguns de meus parentes fôra desatendida. Em tôda a cidade começou a circular a notícia de que grandes multidões, fora do comum, estavam assistindo. Dizia-se que o pregador era orador dos mais convicentes. Grande quantidade de amigos meus estavam assistindo. As reuniões causavam sensação na cidade. Tôda pessoa andava comentando o que ouvia.

Eu ainda me mantinha ausente. Eu sabia que muitos dos meus amigos não tinham conhecimento de que o pregador era adventista do sétimo dia, e eu não queria nenhum de seus ensinamentos. Eu pertencia a uma das maiores, e por certo a mais popular das igrejas da cidade, igreja de jovens, exuberante de atividade jovem, em que prazerosamente eu tomava parte. Nosso pastor era o ministro mais popular da cidade. Eu estava bem satisfeito com minha religião e com minha igreja, e não via motivo para ir em busca de coisas novas e diferentes.

Eu tivera a boa sorte de ser criado com profundo respeito pela Bíblia. Bem pouco conhecia dela, mas cria ser a Palavra de Deus, e centro da autoridade para a fé cristã. Nunca me ocorrera duvidar disto.

Quando por fim me decidi a freqüentar as reuniões da tenda, o que mais me impressionou, como já disse, foi a maneira em que o pregador manuseava a Bíblia. Não fazia êle declaração alguma sem corroborá-la imediatamente com a leitura de um passo bíblico para apoiá-la. Texto após texto era citado, e, com a máxima destreza, localizado sem a mínima hesitação. Todo o sermão me pareceu uma perfeita criação, belamente concatenado, com cada uma de suas partes disposta de forma a ligar-se exatamente com a seguinte, com articulação precisa, até completar-se harmoniosamente.

Fale a Bíblia

Foi a coisa mais convincente que eu já ouvira. Para qualquer pessoa que aceitasse a Bíblia como base de crença, nada mais ficava por dizer-se, nem mesmo uma pergunta a ser feita. Era completo. O assunto apresentado ficava liquidado definitivamente. E tudo porque o pregador encaminhava tôdas as coisas — e digo tôdas — para a Bíblia e fazia a Bíblia falar. Era a Bíblia que resolvia tôdas as coisas. Não era o ensino humano. Era a Palavra viva declarando a verdade do Deus vivo.

Naturalmente, voltei na noite seguinte. Eu tinha que saber se o discurso que ouvira fôra uma exceção. Seria o pregador capaz de manter a efi-

ciência que alcançara no discurso que eu ouvira, ou tivera eu a sorte de presenciar uma brilhante exceção? Não, êle o fez novamente. A maneira em que êle manuseava a Bíblia era-me a coisa mais fascinante que eu já vira. Ele parecia conhecê-la de ponta a ponta. Não havia hesitação para localizar o texto, mas o encontrava enquanto sôbre êle falava. Tôda declaração que fazia era sôlidamente confirmada por um passo bíblico. A estrutura que edificava estava sôlidamente alicerçada sôbre a rocha, a impregnável rocha da Palavra de Deus. De-la não se afastava em caso nenhum. O produto final tornou-se-me uma parte irremovível de meu mundo de crenças para todo o sempre.

Sem dúvida compreendereis que não me recusei a assistir a reunião nenhuma depois daquela. Ali estava eu cada noite enquanto durasse a reunião. Assim foi que cheguei a divisar nova verdade. Não pude resistir a semelhante coisa. Ela me persuadiu, conquistou-me, impeliu-me, compeliu-me a abandonar tudo mais e lançar minha sorte com êste povo, unir-me com seu movimento, dedicar-me à proclamação da verdade. Não foi o homem quem fez isto. Foi a Bíblia — a Bíblia — transformada no centro de tôdas as coisas.

O tornar a Bíblia — não entretenimentos, nem quadros, nem meios visuais de instrução nem histórias nem contos quer dramáticos quer humorísticos — o centro da pregação sempre tem produzido os mesmos resultados: Sempre o fará. Por que sempre a substituímos por outra coisa? Não chegou o tempo de desprezarmos tôda outra coisa e restaurar a Bíblia em seu devido lugar de centralização de nossa pregação?

A Bíblia — Suprema no Púlpito, na Educação e na Vida

Tornai a Bíblia suprema no púlpito. Ela é o pão do Céu, com que os ministros de Cristo devem alimentar o seu rebanho. Recebam êles o "leite racional" da Palavra. Nada mais provê antídoto igual para o fanatismo, nem corretivo ao falso cristianismo, do que a Bíblia. Nada mais deve tomar-lhe o lugar. Cumpram os ministros a ordem de "pregar a Palavra." Qualquer outra coisa é uma negação do sagrado encargo, e põe no maior perigo as almas que estão sob seus cuidados. Os temas que não sejam os bíblicos não tornam sábio para a salvação. Por meio das Escrituras inspiradas é que os homens de Deus são "perfeitamente instruídos para tôda a boa obra." É pela Palavra de Deus que os homens são guiados de suas vagueações para o "bom caminho," onde "acharão repouso para a sua alma." Para que a obra de Deus avance de força em força e de vitória em vitória, precisa a Palavra de Deus ser entronizada na cátedra da instrução, e o evangelho eterno deve ser pregado do púlpito.

Tornai a Bíblia suprema na educação. Foi ela

banida, e talvez devidamente, das escolas públicas, que não se destinam a instruir os homens para se tornarem súditos do reino do Céu, nem podem fazê-lo. Mas não deve a Bíblia ser amesquinhada nas escolas de instrução cristã. Sobretudo, deve ela ter curso eficaz na escola sabatina, e não ser suplantada por temas seculares. Não deve ela ser maquinalmente manuseada e ensinada, mas com nítida compreensão e conscienciosamente explicada e levada com amor ao coração. Só assim pode a nossa juventude ser devidamente instruída. Só assim pode a varonilidade e feminilidade da raça ser levedada com princípios salutareis.

Tornai suprema a Bíblia em cada vida. Isto produzirá aquela justiça pela qual uma nação é exaltada. Sem a Bíblia não teria havido o cristianismo protestante. Sem o cristianismo protestante não haveria liberdade tal como a vemos no mundo hoje, nem o comércio, nem as indústrias, nem a riqueza, nem o progresso da civilização. Seus ensinamentos penetram a consciência de milhões de pessoas. Por motivo de sua presença os viciados são menos viciados; o crime, se não é extinto, é restringido; o ateísmo é rechassado pelo conhecimento de Deus; e os poderes do mal são mantidos em cheque. Exalte o povo a Bíblia e seus divinos ensinamentos em sua vida, e a Nação estará fundamentada na verdade e na justiça de Deus.

O valor intrínseco da Bíblia nunca foi maior do que hoje. Sua influência benéfica nunca foi mais necessária do que hoje é. Entre as nações que se assentam em trevas e na sombra da morte, sua luz é necessitada com urgência. Para os milhões que agora não conhecem a Deus ela traz novas de um amoroso Pai celestial. Aos pecadores e desesperançados de todas as nações leva ela as boas-novas de que "Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores," e que "pode salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus." Suas "boas-novas de grande alegria" têm de ser levadas ao mundo todo. Ela não pertence a nenhuma classe nem nação; não é monopólio do pregador nem do estudante; pertence aos milhões de todas as raças e povos. Eles a ela têm direito. E a igreja de Cristo está comprometida por seus princípios fundamentais a não repousar sem que a Bíblia e sua gloriosa mensagem de salvação e do vindouro reino de Cristo estejam ao alcance de cada homem em todo o mundo.

Os que dentre nós a têm, como devem apreciá-la, amá-la, nela meditar e apropriarem-se de sua imensa riqueza de conhecimento e instrução — aquela sabedoria que "não se dará por ela ouro fino, nem se pesará a prata em câmbio dela!"

Qualificações para a Ordenação de Ministros

PARA preencher a lacuna na falta de uma declaração a respeito do alto chamado ao Ministério e das qualificações que deviam ser preenchidas antes de alguém ser ordenado, foi apresentada uma recomendação pelos dirigentes da Associação Geral, e adotada com algumas emendas, como segue:

RECOMENDAMOS que a seguinte declaração seja adotada como guia na ordenação de ministros:

A separação de homens para o trabalho sagrado do ministério devia ser considerada como um dos mais vitais cuidados da igreja. O crescimento espiritual do povo de Deus, o seu desenvolvimento nas virtudes de Cristo, bem como a sua relação de um para com o outro como membros de Seu corpo, são todos intimamente ligados e em muitos respeitos dependentes da espiritualidade, eficiência, e consagração daqueles que ministram em lugar de Cristo.

O pensamento do Senhor com respeito às qualificações para o ministério é claramente revelado nas Escrituras. Antigamente o ministro era conhecido como "o homem de Deus", às vezes "o homem do Espírito". Instruções minuciosas foram dadas a Moisés com respeito às qualificações para o sacerdócio, suas vestes, seu comportamento, sendo encarecida sua compreensão espiritual. E, a fim de conservar continuamente diante da congregação o alto chamado daqueles que serviam no tabernáculo, o sumo sacerdote usava na mitra as palavras: "Santidade ao Senhor".

No Novo Testamento o quadro é igualmente preciso. O Apóstolo Paulo fala de si mesmo como

"um servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o Evangelho de Deus" (Rom. 1:1). Este assunto da separação para o ministério lhe fôra bem esclarecido pelo próprio Senhor quando, aparecendo-lhe na estrada de Damasco, disse: "pois para isso te apareci... a fim de te constituir ministro...; livrando-te do povo... aos quais Eu te envio, para lhes abrir os olhos, a fim de que se convertam das trevas à luz, e do poder de Satanás a Deus" (Atos 26:16-18). Ele foi libertado ou separado do povo e então, como o representante ungido de Deus, foi enviado de volta ao povo para ser o porta-voz de Deus e abri-lhes os olhos às glórias do evangelho. Posteriormente, escrevendo do trabalho do ministro, ele o denominou o "Alto Chamado."

O Espírito de Profecia diz:

"O homem não pode receber maior honra do que ser aceito por Deus como um ministro capaz do evangelho." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 328.

Na Epístola aos Hebreus lemos: "Ninguém arrega para si esta honra, senão quando é chamado por Deus." (Heb. 5:4).

As evidências do chamado divino de um indivíduo devem ser claramente visíveis antes da igreja o separar pela ordenação.

"Os ministros devem ser examinados especialmente a ver se possuem uma clara compreensão da verdade para este tempo, de modo a poderem apresentar um bem concatenado discurso sobre as profecias ou sobre assuntos práticos. Se eles não

podem apresentar com clareza assuntos bíblicos, precisam ouvir e aprender ainda. A fim de serem mestres da verdade bíblica, devem investigar as Escrituras com zelo e oração, familiarizando-se com elas. Tudo isso deve ser considerado cuidadosamente e com oração, antes de mandarem homens para o campo de trabalho.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 435.

“Um verdadeiro ministro faz o trabalho do Mestre. Ele sente a importância de seu trabalho, compreendendo que ele mantém para a igreja e o mundo uma relação semelhante à que Cristo manteve... Aquêles que o ouvem sabem que ele se achegou bem de Deus em oração fervorosa e eficiente. O Espírito Santo repousou sobre ele, sua alma sentiu o fogo vital do Céu, e que é capaz de comparar coisas espirituais com as espirituais... Os corações se rendem à sua apresentação do amor de Deus, e muitos são levados a inquirir, “Que farei para me salvar?” — *Atos dos Apóstolos*, pág. 329.

“A conversão de pecadores e sua santificação pela verdade é a mais evidente prova que um ministro pode ter que Deus o chamou para o ministério. A evidência do seu apostolado está escrita nos corações dos conversos, e é testificada pelas suas vidas renovadas... O ministro é grandemente fortalecido por estes selos do seu ministério.” — *Ibid.*, pág. 328.

Para tal trabalho o homem deve de fato ser chamado por Deus e dar clara demonstração do seu chamado.

Com respeito ao exame dos candidatos ministeriais o conselho do Senhor a nós é claro:

“Pouco se tem feito quanto a examinar ministros; e por essa mesma razão as igrejas têm recebido os serviços de homens não convertidos, ineficientes, que têm acalentado o povo para adormecer, em lugar de o despertar para um zelo e uma atividade maior na causa de Deus. Há ministros que vêm ao culto de oração, dizem sempre, sempre as mesmas velhas orações sem vida; pregam os mesmos discursos secos de semana em semana, de mês em mês... a única maneira por que podemos corrigir êsse espalhado erro é examinar atentamente todo aquêles que se quer tornar um ensinador da Palavra. Aquêles sobre quem repousa essa responsabilidade, devem-se informar de sua história desde a época em que professou crer na verdade. Sua experiência cristã e seu conhecimento das Escrituras, a maneira por que observa a verdade presente, tudo deve ser compreendido. Ninguém deve ser aceito como obreiro na causa de Deus, enquanto não tornar manifesto que possui uma experiência real e viva nas coisas de Deus.” — *Obreiros Evangélicos*, págs. 433, 434.

Este conselho põe uma obrigação definida sobre os dirigentes à testa de uma cerimônia de consagração. Eles deviam planejar o exame dos candidatos de tal maneira que este ato importante não seja uma mera rotina, mas faculte a verdadeira sublimação da aptidão do candidato. Deve-se tomar tempo suficiente, especialmente em se tratando de um número maior de candidatas a serem examinados. Onde fôr possível o candidato deve procurar ter a sua esposa presente para o exame,

compreendendo que a ordenação afeta não somente o indivíduo mas toda a família.

Evidenciou-se, às vezes, pressa desnecessária na recomendação de candidatos para a ordenação. Doutra lado tem havido também demora desnecessária, prolongando-se até vinte anos ou mais. Ambos os procedimentos são errados. Embora nenhum obreiro deva ser ordenado com precipitação, é igualmente importante quando alguém está pronto para ser separado, que a consagração não seja desnecessariamente adiada. Obreiros se têm visto em situações embaraçosas por não estarem capacitados a efetuar certos deveres ministeriais importantes. O fato, não obstante, de um ministro aspirante estar trabalhando no campo quatro, cinco, ou mesmo oito anos não é em si mesmo uma garantia que esteja pronto para a ordenação. Alguém com menos habilidade para pregações evangelísticas ou que revela menos aptidão para algum outro ramo de trabalho ministerial ou pastoral, naturalmente levará mais tempo para desenvolver-se. De fato, alguns jamais se qualificarão para a ordenação. Aquêles que não revelam talento ministerial especial ou aptidão para liderança pública definida deviam ser animados para se dedicarem à salvação pessoal de almas, reconhecendo que seu chamado é para algum outro trabalho menos especificamente ministerial.

Os presidentes e as mesas executivas de Associações e Missões deviam reconhecer uma responsabilidade definida para cultivar o crescimento de ministros jovens e cuidar que a tais sejam dadas oportunidades em que possam desenvolver a sua capacidade ministerial máxima. Qualquer plano que desvie o futuro ministro de seu desenvolvimento e crescimento deve ser posto de lado. Têm-se perpetrado injustiças, às vezes, quando candidatos ao ministério que possuem capacidade para certos trabalhos manuais foram desviados para gastarem longos períodos de tempo em outras atividades em prejuízo de seu desenvolvimento ministerial. Um plano tal pode economizar dinheiro à Associação, mas atrasa o desenvolvimento do ministro.

Quando uma Associação entrega a um jovem uma credencial de ministro licenciado, a administração da Associação devia considerar-se comprometida a promover o seu desenvolvimento. E quando alguém aceita uma credencial de ministro licenciado devia considerá-la um compromisso de sua parte de render o máximo serviço de que seja capaz. Tal credencial, não obstante, não é um pehor da parte da Associação de que a ordenação esteja assegurada. Meramente provê a oportunidade para o licenciado demonstrar o seu chamado. Embora nem todos possam ter as mesmas condições sob as quais desenvolver-se em ministros amadurecidos, não obstante alguém que é chamado de Deus revelará seu chamado por toda sua maneira de viver e o fardo que leva por aquêles que ainda se encontram no cárcere do pecado. Em algumas circunstâncias é difícil prover as condições sob as quais o evangelismo público pode ser feito, mas aquêles que são chamados pelo Senhor estarão em condições de comprovar seu chamado e suas aptidões para o ministério, como sua vocação.

Em algumas partes do campo mundial as facilidades educacionais são um tanto limitadas. Se

este fôr o caso, naturalmente levará mais tempo para um ministro desenvolver suas condições básicas para a ordenação. Portanto, considerando tôdas as condições possíveis, é impossível estabelecer um prazo limite como o período de preparo para o licenciado. O fato de um ministro licenciado ser enviado para trabalhar em campo missionário não devia em si mesmo adiar sua ordenação além do tempo que levaria se permanecesse em sua terra natal. A sua ficha de trabalho devia ser enviada ao seu novo campo de atividades e receber a avaliação própria no reconhecimento de seu desenvolvimento. Em casos próprios um ministro licenciado que se está aproximando do tempo de sua ordenação por ocasião de seu chamado para campo estrangeiro poderá ser ordenado antes de seu embarque.

Antes da imposição das mãos na ordenação de um obreiro êle devia ter dado provas de:

- a. Experiência em vários tipos de responsabilidades ministeriais.
- b. Chamado definido ao ministério como trabalho de tôda uma vida.
- c. Inteira consagração do corpo, alma e espírito.
- d. Estabilidade espiritual.
- e. Maturidade social.
- f. Clara compreensão da Palavra de Deus.
- g. Aptidão como mestre da verdade.
- h. Habilidade de guiar almas do pecado à santidade.
- i. Frutos em almas ganhas para Cristo.
- j. Atitude cooperativa e confiança na organização e funcionamento da igreja.
- k. Uma vida de conduta cristã estável e exemplar.
- l. Uma família exemplar.

A ordenação de pessoas que não tenham dado evidência clara de seu chamado como ministros que salvam almas deve ser evitada. Sempre se verificará que alguns indivíduos, tendo-se desenvolvido em outros trabalhos que não os do ministério, em tempo darão prova de seu chamado divino para este trabalho sagrado, e a igreja, reconhecendo este fato, se sentirá chamada para separá-los pela ordenação. Tais casos, porém, certamente serão exceções. Pelo fato de alguém ocupar uma posição de responsabilidade na organização, não se deve considerar que êle por este motivo seja elegível para a ordenação.

Há certos ramos de trabalho na denominação que não são considerados estritamente ministeriais, mas que provêm experiência para algum desenvolvimento ministerial. O diretor de um colégio, por exemplo, ou o diretor de um ginásio, com jovens a seu cuidado, não leva somente a responsabilidade de seu desenvolvimento acadêmico mas também do seu bem-estar espiritual. Êle é, portanto, em certo sentido o seu pastor, e em companhia do professor de Bíblia está fazendo trabalho ministerial de fato. Porém, o seu chamado para aquele cargo não é em si mesmo base para a ordenação. A posição de um homem nesta obra em si não devia influenciar uma comissão a separá-lo para o santo trabalho do ministério a não ser que, e até que êle dê provas definidas de sua aptidão e sua

maturidade espiritual e tenha convicção em sua própria alma de que Deus o chamou ao ministério como o trabalho de tôda a vida.

Obreiros em outras atividades, tais como redatores, secretários-tesoureiros de Associações, e dirigentes departamentais podem também chegar a altura em seu serviço quando a ordenação seja apropriada; porém, nestes casos, como em quaisquer outros, o chamado divino ao ministério deve ser claro perante a igreja, que age como representante de Deus, separando-os para o ministério evangélico. Tais obreiros, como todos os candidatos a credenciais ministeriais deviam ter a convicção pessoal de que Deus os chamou para o ministério, e dar provas de seu chamado e dom ministerial, e serem conhecidos por sua piedade e habilidade como ganhadores de almas, antes de sua ordenação ser recomendada e decidida.

A ordenação jamais se deve tornar simplesmente o galardão por trabalho fiel ou ser considerada uma oportunidade de adicionar um título ou prestígio para um obreiro. Nem é uma honra que deve ser procurada pelo indivíduo, ou por sua família ou seus amigos em seu favor. Tais atitudes e táticas diminuem grandemente a santidade do ministério aos olhos da igreja.

O ministério não é meramente uma profissão: é um chamado. Não é por um período de tempo até que alguma outra ocupação mais atraente chame um homem, mas é o trabalho de tôda a vida. Tendo pôsto sua mão ao arado, ninguém se deve sentir livre para olhar para trás, a não ser com perigo de sua alma. O apóstolo Paulo, como os profetas de antigamente, se sentiu "sob obrigação" e exclamou: "Ai de mim, se eu não pregar o evangelho!" (I Cor. 9:16). Alguém que é ordenado para o sagrado trabalho do ministério devia sentir a mesma responsabilidade como o apóstolo de antanho. E a Associação que o emprega devia sentir uma responsabilidade definida para prover que êle esteja livre de fazer o trabalho apontado por Deus.

O simples relatório da ordenação dos apóstolos é solene: "Depois subiu ao monte e chamou para junto de Si os que êle mesmo quis, e êles vieram. Então designou doze para estarem com Êle, e para os enviar a pregar." (S. Mar. 3:13 e 14.) A primeira atividade do consagrado ao ministério é a de estar *com* Deus. Somente então estará qualificado para ir aos homens pregar a Palavra de Deus. Alguém que fôr assim consagrado e que goza constante comunhão com seu Senhor se regozijará no privilégio de prestar serviço completo, recusando-se a se envolver em negócios para ganho pessoal e outras coisas dêste mundo que impeçam que, pela graça de Deus, se devote completamente à causa que ama. Mesmo quando alcançar o tempo de sua jubilação êle deve sentir o chamado de Deus às mesmas normas de vida como nos anos de mais atividade, "para que não seja censurado o ministério." (II Cor. 6:3.)

Atas do Concílio Otonal, 1954, págs. 3 a 10



OBRA PASTORAL

Métodos de Instrução de Adultos na Igreja

CHARLES M. MELLOR

Pastor, Associação Norte-Californiana

EM CONFORMIDADE com o plano inspirado, as igrejas adventistas do sétimo dia não devem apenas servir de lugar de cultos e pregações, mas, também, de centros de instrução onde os membros aprendam a ser obreiros de Cristo, práticos e eficientes. Muito conselho nos dá a mensageira do Senhor, quanto ao desejo do Senhor para com Sua igreja. A educação de adultos está-se tornando mais e mais popular, e se estivermos alerta utilizaremos esta importante fase do verdadeiro desenvolvimento da igreja.

Os crentes têm tido demasiados sermões; mas ensinou-se-lhes a trabalhar por aqueles por quem Cristo morreu? Ideou-se uma espécie de trabalho, que lhes haja sido apresentado de maneira tal que cada um tenha visto a necessidade de participar da obra? — *Test. Sel.* (ed. mundial), Vol. III, pág. 64.

Muitos teriam boa vontade de trabalhar, se lhes ensinasse a começar. Necessitam ser instruídos e animados. Toda igreja deve ser uma *escola missionária* para obreiros cristãos. Seus membros devem ser instruídos em dar estudos bíblicos, em dirigir e ensinar classes da escola sabatina, na melhor maneira de auxiliar os pobres e cuidar dos doentes, de trabalhar pelos inconversos. Deve haver escolas de higiene, de arte culinária, e classes em vários ramos de serviço no auxílio cristão. Não somente deve haver ensino, mas trabalho real, sob a direção de instrutores experientes. — *A Ciência do Bom Viver*, págs. 125 e 126. (grifo nosso.)

Organizar um Curso de Estudo

Reconhecendo a importância de dar mais adequada instrução aos nossos fiéis membros leigos, foi decidido promover um curso de instrução que funcionasse durante um período de dezoito semanas. Foi planejado oferecer seis matérias que fôsem práticas e proveitosas no plano de pregar o evangelho em nossa comunidade. Também, foi tomada em consideração a formação espiritual de nossos membros. Assim, foram planejadas algumas classes que alicerçassem a fé em Deus e em Sua igreja.

Naturalmente, o primeiro problema a ser enfrentado nesse empreendimento consiste em achar pessoas capacitadas para servirem de instrutores. Nas igrejas maiores isso não é tão difícil como nos lugares em que o número de membros é reduzido. Entretanto, excelentes instrutores podem ser conseguidos dos seguintes grupos de profissionais: ministros, instrutores bíblicos, professores primários

e ginásiais, médicos e dentistas, enfermeiros e membros leigos de talento.

Em nossa própria experiência verificamos que as pessoas convidadas para auxiliar nesse projeto educativo da igreja cooperaram com entusiasmo. Todos os instrutores trabalharam diligentemente e eficientemente para o êxito do curso de estudos. Naturalmente, um projeto tal precisa ser bem planejado para dar aos instrutores tempo suficiente para prepararem a matéria que irão ensinar.

Esbôço de um Curso de Estudos

O tempo e o dia que mais convém para o curso de estudos poderão variar de uma para outra igreja. Planejamos o nosso para as quarta-feiras à noite, no horário de nosso culto semanal de oração. Assim, não tivemos outra reunião, e foi interessante notar que nossa frequência triplicou.

A reunião foi dividida em dois períodos de 45 minutos, com 20 minutos devocionais entre os dois períodos de aulas. O primeiro período era das 19:30 às 20:15 horas. Seguiu-se, então, o período devocional, das 20:20 às 20:40, e o segundo período de aulas, das 20:45 às 21:30 horas. É imperativo que as aulas comecem e terminem rigorosamente em tempo.

Os membros da igreja são convidados para escolherem dois cursos de estudos — um no primeiro período e outro no segundo. Nós tínhamos seis matérias, o que proporcionava a cada pessoa margem de escolha no seu setor de interesses. Muitas pessoas que não haviam freqüentado anos a fio as reuniões de quartas-feiras vinham fielmente às classes.

Matérias de Estudo Oferecidas

As matérias de estudo oferecidas em nosso curso eram variadas, de forma a ampliar o apêlo à igreja. Os quatro primeiros da lista respectiva eram ensinados no primeiro período, e os restantes três, no segundo.

São eles: "História Denominacional e Espírito de Profecia." Esta matéria era ensinada pelo professor de Bíblia do ginásio e abrangia o começo de nossa história denominacional bem como o lugar do dom de profecia em nosso movimento. O compêndio usado foi *Lições de História Denominacional* publicado pelo Departamento de Educação da Associação Geral. Esta matéria foi muito concorrida.

"Como Dar Estudos Bíblicos," era ensinado pelo nosso instrutor bíblico. *Training Light Bearers*, editado pela Review and Herald Publishing As-

sociation foi usado como compêndio. Cada noite era estudado um capítulo, e cada um dos alunos dava um estudo bíblico perante a classe.

“A Escola Sabatina, Ganhadora de Almas” era ensinada pelo diretor Departamental da Associação, e visava especialmente aos que lidam com os jovens. Não havia compêndio, mas uma série de dez filmes foi exibida em classe. Houve algumas excelentes discussões nesta classe, de que todo o grupo participou.

“Objecções às Doutrinas Bíblicas” era uma classe ensinada pelo pastor da igreja. Esta matéria era apresentada em feitiço de preleção e nela as doutrinas adventistas do sétimo dia eram estudadas à luz das objeções a elas apresentadas. Os que pretendiam dar estudos bíblicos interessaram-se especialmente por esta matéria.

“Primeiros socorros” foi dirigida por uma enfermeira diplomada, membro da igreja. Usava ela para compêndio a matéria do currículo da Cruz

Vermelha Americana. Esta classe, também, era bastante popular.

“Escola Bíblica e Trabalhos Manuais de Férias” eram ensinados por um membro leigo bem eficiente no trabalho com meninas e rapazes. Cada ano nossa igreja promove uma grande escola bíblica de férias, e para atender a êsse trabalho estávamos instruindo adultos que atendessem a essa espécie de atividade missionária. Uma variedade de trabalhos manuais, tais como sacolas, pintura, trabalhos em rafia e em papel crepom era ensinada. Esta matéria não tinha compêndio, havendo sido dirigida mais no sentido da execução dos respectivos trabalhos.

Muitas pessoas manifestaram sua apreciação pela instrução recebida. Foi um proveitosíssimo projeto da igreja. Um curso tal bem poderia prover uma ocasião anual de as igrejas maiores instruírem os adventistas do sétimo dia para serem mais eficientes na vida cristã e como testemunhas de Cristo.

A Característica da Pregação Adventista

W. H. WICK

Pastor da Associação Norte da Inglaterra

ALGUMAS vezes, ao meditarmos em um sermão que escutamos de um pregador adventista, chegamos à conclusão desconcertante de que êsse sermão bem poderia haver sido pregado em outra igreja. Pode haver sido bom, e até constritor, e não obstante não verdadeiramente adventista. Nem uma boa dose de erudição, nem o domínio da técnica do sermão eficaz podem suprir a ausência dessa ênfase característica do verdadeiro sermão adventista. Não é assunto de método mas de atitude. É um algo que o pregador deve resolver de forma pessoal no retiro de seu gabinete. Porque se não é adventista em tudo, de corpo e alma, como poderão seus sermões levar o sêlo distintivo? Difícil é definir essa convicção ou compulsão interna que matiza tôda a vida. Não chega a ser a sùmula total dos diferentes aspectos de nossa mensagem fundidos em um todo; melhor dito, é essa fusão que passa através da personalidade do pregador e surge na vida dêle, demonstrando-lhe o poder na própria vida. Dessa experiência procedem a convicção e o poder que o pastor manifesta no pùlpito.

Um pregador pode ser o melhor adventista de sua igreja, e todo ministro deve sê-lo, e não obstante não conseguir que seu ministério e pregação possuam o sêlo caracteristicamente adventista. Para consegui-lo requer-se alguma coisa mais que mera sinceridade ou habilidade. Requer um plano esmerado. Pôr a ênfase no lugar devido, não precisamente em um sermão, significa algo mais do que pregar uma doutrina após outra até que mais ou menos sejam abrangidas tôdas. Significa interpretar para a congregação a significação das doutrinas, aplicando-as aos pormenores da vida prática. Sig-

nifica expor perante os irmãos os princípios salientes que o mundo religioso professa, mas com o pensamento adventista claramente definido. Significa que todo o conteúdo da pregação seja planejado com esmêro e oração.

Suponhamos que acabamos de pregar nosso sermão do sábado. Os irmãos retiraram-se. Agora é o momento de pensar. Assombra a facilidade com que passa inadvertida a fraqueza de um sermão durante sua preparação. Não, porém, depois de haver sido pregado. Expressamos todos os nossos pensamentos sob a forma adventista? Poderia, o que dissemos no sermão, dizer-se em uma igreja não-adventista? Foram os alicerces de nossa mensagem claramente fundamentados na verdade adventista, de maneira que os irmãos tenham experimentado a necessidade de fazer um esforço especial?

Suponhamos, por exemplo, que nos encontremos no fim do ano, ou no término de nosso ministério em certo distrito. Que ouviu de Deus o povo, semana após semana? Receberam alimento bem balanceado durante todo o período? Ou nossos interesses ocuparam o primeiro lugar? Pregamos-lhes as coisas que nos pareceram mais importantes e descuidamos outras verdades igualmente vitais?

Não podemos estar certos de dar à igreja que servimos um programa equilibrado durante um período determinado, a menos que conservemos um registro exato dos sermões que pregamos cada semana. É possível descobrirmos que não pregamos sôbre os temas práticos da expiação. De maneira que, com uma oração no coração, empreendemos a tarefa de preparar o assunto. Talvez o fazemos sem muito esmêro, uma frase aqui ou um parágrafo

fo ali que demonstraram como tôda a estrutura adventista repousa sôbre esta verdade fundamental. Ou, possivelmente, dediquemos todo o sermão para demonstrar que sem a crença no sacrifício e no sacerdócio de Cristo, nossas doutrinas carecem de significação. De qualquer modo que encaremos o assunto devemos perguntar-nos: "É êste, verdadeiramente, um sermão adventista? Revelam os princípios expostos a necessidade imperiosa de levar vida consagrada?" Se a resposta for afirmativa, podemos então pregar com tôda a confiança.

Esta necessidade de uma pregação nitidamente adventista não requer o abuso das citações do Espírito de Profecia. As palavras mais eficazes que podemos empregar em uma pregação são as nossas próprias. Se não possuimos a convicção de que Deus pode utilizar nosso estilo individual, nosso modo pessoal de expressar-nos, não experimentá-mos o chamado divino para o ministério. É possível pregar todo um sermão com base nos princípios expostos pelo Espírito de Profecia, sem citar textualmente nenhum dêles. Propomo-nos, por exemplo, pregar um sermão sôbre "Como Guardar o Sábado." Podemos impregnar a mente dos conselhos da irmã White, e depois de havê-los assimilado, apresentar um enérgico sermão, do qual cada princípio procede do Espírito de Profecia. Será um sermão mais eficaz para nossos ouvintes porque chegou a ser parte de nós mesmos.

Ao citarmos alguma declaração, e devemos fazê-lo, façamo-la parte de nós mesmos e parte intrínseca do sermão. Não obstante, amiúde devemos apresentar nossos princípios a pessoas estranhas à nossa fé. Em tal caso, devemos citar o pensamento que nos inspirou, revestido de tôda a autoridade que possa dar-lhe a nossa pregação. Com tôda a certeza e firmeza podemos pôr ênfase sôbre a advertência divina que recebemos, sem fazer que nossos sermões sejam sêmilidos e, como resultado, sêmieficazes.

A Preparação dos Sermões Para o Sábado

Conquanto no transcurso do ano surjam ocasiões inesperadas que exigirão a pregação de um sermão, é conveniente observar a regra geral de preparar um programa básico dos sermões para o ano, bastante elástico para admitir as modificações necessárias. Se dedicássemos à pregação pastoral a energia e o tempo que empregamos na preparação de outras campanhas, nosso ministério da Palavra seria mais equilibrado e eficaz.

Há verdades específicas que devemos apresentar aos irmãos. A primeira e fundamental é o ensino acêrca da pessoa e da obra de Jesus, como Sacrifício, Sacerdote, Juiz e Rei. Para compreender Seu ministério devemos considerá-lo na sua totalidade. Devemos entender amplamente a significação de tôda a Sua obra. Ao analisar os diversos aspectos dessa obra devemos revesti-los de significação mais ampla. O todo constitui a doutrina adventista fundamental. De modo que o pregador adventista apresentará a significação do sacrifício de Jesus que, à luz de tôda a mensagem, adquire significado maior. Já vimos, e continuaremos ven-

do, os resultados desta maneira de pregar. Deveria ser-nos preocupação constante o fazer que nossas mensagens sejam mais convincentes.

As demais verdades características podem e devem apresentar-se subordinadas à pessoa e à obra de Jesus. Só assim serão tão eficazes quanto deveriam ser. Só assim terão o poder de subjugar e conquistar a vontade humana. Não temamos ler obras de autores não adventistas, mas tenhamos a certeza de que essa espécie de leitura contribua para a compreensão das peculiaridades de nossa própria fé, considerando as verdades que apresentam segundo o seu ponto de vista, através do prisma vantajoso de nossa fé. Assim conseguiremos encontrar novos e inesperados pensamentos que explorar e incentivos que utilizar.

O Propósito de Nossa Pregação

O pregador adventista recebeu a incumbência de preparar homens e mulheres para a volta do Senhor. Tôdas as verdades que ensine, cada sermão que pregue, devem orientar-se para êsse fim. As verdades que são comuns a outras igrejas, deverá êle apresentá-las à luz da mensagem adventista. A doutrina característica da igreja que êle, como ministro adventista, apoia, deverá convencê-lo de que o chamado divino é imperativo, se êle quiser ser um verdadeiro ministro. Sua pregação não será distintiva a menos que seu chamado para o ministério seja evidente, porque com a vocação virá a convicção do propósito de sua obra.

Naturalmente, à luz desta obra de preparar os homens para encontrarem-se com seu Senhor, alguns pontos no sistema da verdade que apresenta serão mais importantes que outros. Êle falará mais amiúde dos que são mais importantes. Embora se deva abranger tôda a mensagem, por-se-á a ênfase nas partes essenciais. De modo que a repetição se torna inevitável. Mas, quando quer que um pregador se veja na contingência de repetir uma verdade perante a mesma congregação, deverá êle propor-se fazê-lo de maneira nova e atraente, de modo que opere com a força da novidade.

O pregador adventista é essencialmente apegado à Bíblia. Ela é a sua autoridade única. Êle é honesto na explicação do texto bíblico; quando em dúvida, desiste de empregar uma interpretação que lhe parece útil. Explica a Bíblia aos ouvintes. Seus apelos estão concentrados na Bíblia. Aprofunda-se além da superfície, vai além do visível em seu afã de desentranhar a significação fundamental das verdades que prega. Utiliza a Bíblia no púlpito. Sem tê-la ali e sem usá-la, sentir-se-ia perdido.

Se a mensagem é diferente, o homem também se comporta de maneira diversa. Prega com um propósito determinado e com convicção, não apenas para informar, mas para transformar as vidas e formar o caráter. Faz esforços para desenvolver voz agradável e personalidade atraente, séria, mas que desperta simpatia. Ao levantar-se para pregar, leva consigo o espírito de adoração, e a congregação espera com expectação. Deus sôbre êle verte Suas bênçãos. Seu ministério é poderoso.

Dê-nos Deus homens tais!

A Conservação de Nossos Membros

O AUTOR deste artigo é o pastor de uma de nossas igrejas grandes. Sabemos que nossos leitores apreciarão as suas sugestões muito proveitosas. Em carta, nos disse êle: "Em alguma parte, sem dúvida, existe uma igreja que irei pastorear enquanto aqui estou. Desejo, e como o desejo, que o homem que ali está adquira uma visão e estabeleça êste sistema antes de eu ali chegar. Isso me economizaria meses de esforço insano, trabalho, por assim dizer, nas trevas. Eliminaría aquêles perigosos período após a troca de pastôres, em que os membros desaparecem e se perdem, porque o novo pastor não sabe quem êles são. Tornaria possível ganhar mais almas."

Êsse é o objetivo de todo verdadeiro ministro. Qualquer coisa que auxilie o pastor a cuidar de seu rebanho e, não obstante, lhe permita dispor de mais tempo para os de fora do aprisco, vale realmente a pena. Entretanto, isto exigiria um assistente eficiente, um secretário de igreja, para manter em dia os registros. Mas as possibilidades são extraordinárias! — Os editôres.

DE todos os métodos que tentei para conseguir a eficiência pastoral entre os seiscentos membros da igreja central de Honolulu, nenhum foi tão agradável nem proveitoso quanto o do registro de assistência à igreja combinado com o sistema de cartões de visitas.

Por sugestão de nosso tesoureiro, irmão João Smith, compramos um classificador com index alfabético, de segunda mão. Numa porção bem destacada do cartão aparece o nome do membro, seguido de uma série de cinquenta e dois pequenos quadrados, correspondentes a um para cada sábado do ano. Uma marca de lápis vermelho em cada quadrado, mostra a freqüência total do membro durante o ano. No fim do ano, as marcas poderão ser desfeitas para o cartão ser novamente utilizado.

Cada manhã de sábado, em determinado momento do culto, os diáconos percorrem discretamente os corredores com uma prancheta em que há presos, papel e lápis e a seguinte sugestão:

A fim de ajudar-nos para ajudar-vos a vós, pedimo-vos assinar o nome no próximo espaço vago, Agradecidos.

A movimentação que isso ocasiona não é quase percebida, e tanto os membros como as visitas assinam o nome sem hesitação.

Na manhã de segunda-feira, o pastor auxiliar, eu e nossas respectivas esposas, gastamos uma hora, transferindo essa informação para os cartões de membro. Nenhum visitante nos escapa à atenção. Se nos é desconhecido, pode, em geral, ser identificado mediante consulta ao membro da igreja que, segundo a lista de assinaturas, lhe estava sentado ao lado. Estabelecemos muitos bons contatos para dar estudos bíblicos ao fazer a cada visitante uma visita logo após a sua vinda à igreja. Também, com isso, logo identificamos os jovens não batizados da igreja.

Introduzimos êste sistema no comêço do ano 1955, e deixamos os registros acumularem-se por algum tempo. Dois meses depois êles nos revelaram uma história notável.

Notórios foram os cartões, junto a cujo nome não havia marcação alguma — o grupo de "ausência total." Conhecendo-os com tanta precisão, e com algum esforço feito em seu favor, pudemos reaver boa quantidade embora houvésemos verificado que alguns dêles se haviam ausentado havia já anos. Isto salientou o perigo de confiar na lotação da igreja como prova de que todos os membros estejam presentes. Algumas vêzes o recinto pode estar cheio de pessoas que não são membros da igreja.

Também se tornaram salientes na lista os membros faltosos — o grupo dos freqüentadores irregulares. Demos-lhes a nossa atenção, também, e lhes enviamos pelo correio um cartão de "sentimos a sua falta" fielmente cada vez que deixavam de comparecer. Isto trouxe resultados bastante compensadores. Ao passo que, no comêço do ano, enviávamos um média de quarenta cartões semanais ao grupo dos "faltosos" essa quantidade está agora reduzida para dez por semana, e êsses nem sempre para as mesmas pessoas. Esta quantidade é provavelmente um mínimo irreduzível. Essa quantidade costuma visitar outras igrejas ou está indisposta cada semana.

Êsse sistema simples tem-se revelado muito proveitoso para manter o interêsse de nossos membros e evitar perdas por apostasia. Em vez de aumentar o grupo de "ausência total", estamos vagarosa mas firmemente reduzindo-o e o movimento nesse sentido está sendo bem controlado. Para surpresa nossa, verificamos que os membros lisonjeiam-se quando o pastor nota que êles se ausentam só que seja de uma única reunião da igreja. Alguns telefonam para explicar o motivo da ausência.

Os cartões aludidos bem valem o seu custo quando não fôsse senão para esta finalidade, mas oferece muitos outros meios de simplificar o nosso trabalho. Pinos de coloração variada, revelam-nos, por sua localização em determinadas partes dos cartões, se o membro é fiel dizimista, no cumprimento dos compromissos financeiros assumidos com a Igreja, do compromisso de distribuição de "O Atalaia", se mantêm os filhos estudando na escola primária da igreja, se assina a *Revista Adventista* se, na Recolta, é recoltista ou doador, sua nacionalidade, etc., e, até, se está ausente, em viagem."

Antes de sair para visitar um membro, podemos informar-nos de tôdos êsses pormenores mediante um simples relance de olhos ao seu cartão. O mesmo ocorre por ocasião das várias campanhas da Igreja, pois temos o pulso de cada um de seus membros.

O cartão constitui um retrato do membro, contendo o registro de sua atuação em vários cargos, seus talentos mais apreciáveis, material evangélico de que é possuidor, etc. No verso, o cartão é utilizado para uma completa conta corrente do membro durante o ano. Esta parte é também de imensa utilidade para o pastor.

Um novo pastor pode saber tanto acêrca de sua congregação, dentro de poucas semanas, mediante êste sistema, quanto em anos, sem êle. E, melhor do que tudo o mais, elimina as conjeturas no seu pastoreio do rebanho.

Verificareis que este novo sistema de cartões é dispendioso, mas, irmão pastor, que negociante gastará centenas de milhares de cruzeiros em seu

negócio e depois se recusa a organizar um sistema de controle para inventário? Não é o nosso inventário mais precioso do que esse?



E VANGELISMO

Pregando um Evangelho que tem por Centro a Cristo

E. ROBERT REYNOLDS

Pastor, União do Paquistão Ocidental

ESTE esboço é preparado com o pensamento de auxiliar os evangelistas nacionais, especialmente, a encontrar um meio simples de apresentar as verdades distintivas da triplíce mensagem angélica, com mais ênfase em Cristo do que talvez se tenham a pouco e pouco acostumado, com menos ênfase na lógica e na prova da doutrina, por importante que possa às vezes ser, e com a colocação de maior ênfase na mensagem espiritual que atingirá o coração dos ouvintes. Não obstante não devemos desmerecer as verdades distintivas que, como povo, fomos chamados para pregar nem deixar de apelar ao interesse público, do ponto de vista propagandista. A maior parte deste material foi preparado no espaço de vários anos de estudo e experimentação, e com vistas as mais das vezes a uma congregação muçulmana, se bem que boa parte possa ser adaptada a qualquer outra espécie de auditório.

Seria interessante para alguns saberem que um de nossos evangelistas indígenas recentemente completou uma série de reuniões baseado nestes princípios e que o seu auditório composto inteiramente de muçulmanos, cresceu, de vinte e cinco na primeira semana, para duzentos, na oitava, e seus *mullahs* presentes gritavam "aleluias" árabes a certas declarações por ele feitas — coisa de que até então nunca se ouvira no Paquistão. Contou-me ele que ninguém pode imaginar, sem que tenha experimentado, o entusiasmo que isso produz. Ao iniciar ele uma nova série de reuniões, seu auditório muçulmano pediu que não terminasse no fim de um mês apesar de que a festa de Ramzan devesse começar antes do fim daquele mês, mas continuasse por alguns meses mais.

Poderão alguns pôr reparos no princípio da narrativa para um auditório culto, mas a experiência mostrou que também esses apreciarão uma história contada por um narrador capaz. Esta arte, o presente esboço não pretende discutir. Assim, preferimos iniciar este esboço com a importância fundamental da pregação centralizada em Cristo para alcançar êxito com base nas normas bíblicas. Creemos que isto não é controverso.

I. A Necessidade da Pregação Centralizada em Cristo

1. Não nos devemos envergonhar do evangelho de Cristo. (Rom. 1:16).
2. A pregação da cruz de Cristo é loucura e pedra de tropeço para o mundo; não obstante é o poder e sabedoria divinos para a salvação. (I Cor. 1:18, 23 e 24).
3. A determinação de não saber de outra espécie de pregação senão a Cristo, e este crucificado resultará numa demonstração do Espírito e de poder (I Cor. 2:2 e 4).
4. Não é possível pôr outro fundamento mais firme que este (I Cor. 3:11).
5. A pregação centralizada em Cristo atrairá para Ele os homens (S. João 12:32).
6. O amor de Cristo nos constrangerá em nossa pregação (II Cor. 5:14).
7. O ministério da reconciliação de que fomos incumbidos é aquele em que nós, *da parte de Cristo*, convidamos os homens a que se reconciliem com Deus (II Cor. 5:18-20).
8. O verdadeiro embaixador de Cristo considera que lhe é imposta a obrigação de pregar (I Cor. 9:16).

II. A Narrativa Bíblica como Auxílio Valioso

1. Devem ser proferidas palavras de fácil compreensão (I Cor. 14:9).
2. Jesus muitas vezes transmitia a verdade por meio de histórias e parábolas (S. Mar. 4:33 e 34; S. Mat. 13:34-36).

III. Pregando a Cristo por Meio de Histórias Bíblicas

Antes de estas lições serem divididas, conviria declarar que em tôdas essas divisões não se pretende que sejam tôdas apresentadas numa história ou sermão, senão que cada uma seja por si uma história sermoneada, com ênfase sobre o tema ou a lição sugerida. Em outras palavras, cada ponto deste esboço pode ser isoladamente o assunto de uma história-sermão; e não há limite para as lições da verdade a serem ensinadas por essa forma. A arte de narrar pressupõe duas coisas: (1) O ou-

vinte *não* conhece a história, de forma que os por menores têm que ser contados para que tenham aplicação na lição que se busca ensinar. (2) Não há necessidade de buscar prova direta da verdade — o narrador está falando o que é verdade, não dogmáticamente, com espontaneidade, em geral não apresentando os passos de prova na íntegra, mas apenas as partes do texto entretidas de memória na história (sem citar a referência). Lembrai que é uma *história*. Pode também ser dito aqui que em nenhuma parte dêste esboço se trata de arranjar estas lições em ordem correta de narração. Isto dependerá da situação local em cada caso. Mas a duplicação não estará perdida, pois fixará as lições mais firmemente na mente dos ouvintes.

I. LIÇÕES DA CRIAÇÃO

- a. A grandeza e o amor de Deus revelados na criação e na Natureza.
- b. Jesus Cristo foi o Criador (ligar com Sua pré-existência).
- c. A criação de outros mundos, dos anjos, e a relação que Jesus mantinha com todo o Céu. Isto bem pode oferecer oportunidade para a apresentação do conflito dos séculos.
- d. A origem dêste mundo.
- e. O elevado destino pretendido para o homem — criado à imagem de Deus, para que a divina imagem na pessoa de Jesus não fôsse deformada na de qualquer criatura animal quando do nascimento de Cristo em carne humana. Estavam os homens destinados a ser filhos de Deus.
- f. A santidade do lar (o princípio da monogamia bem pode ser introduzido neste ponto) — ordenado por Cristo na criação e por Ele reconsecrado em Canaã, no início de Seu ministério terrestre.
- g. O plano divino do regime alimentar e da temperança. (Magnífico para auditórios, tanto muçulmanos como hindus. Os muitos prismas de nossa mensagem pró-saúde e temperança não foram explorados tão bem quanto poderiam sê-lo em nossos contatos com êsses povos.)
- h. Os princípios do tempo relativo ao sábado: tarde e manhã, e o ciclo semanal. (Introduzido, sem nenhuma referência ao sábado, dispensa a argumentação posterior sôbre o assunto. É uma aproximação positiva. O interesse público no calendário mundial ou assuntos tais, provê um tema adequado para esta história.)
- i. A origem do sábado, com Cristo, o Criador, como seu Senhor.
- j. As cinco coisas que Deus deu ao homem no Jardim do Éden: vida sem morte, um lar paradisíaco, um domínio e um reino, caráter santo e o sábado. (Sômente o sábado ficou com o homem depois de êle pecar, para apontar para o libertamento eterno do pecado e a restauração, por Jesus, dos outros quatro, no Céu e na nova Terra.)
- k. Tópicos adicionais vários que poderão ser incluídos nesta subdivisão, podem relacionar-se com a criação e a evolução, a natureza do homem, a comunicação verbal com Deus, etc.

2. LIÇÕES DA QUEDA DO HOMEM

- a. Origem do pecado no Céu em conflito com Cristo (história de Lúcifer).
- b. A origem do pecado na Terra e a deslealdade para com Cristo.
- c. A natureza do pecado, e seu remédio em Cristo.
- d. A espécie de religião ou culto ou vida que agrada a Deus, conforme estão ilustrados nas ofertas de Caim e Abel — justificação pela fé *versus* justificação pelas obras.
- e. A introdução da propiciação do sangue pelo pecado — por que ordenou Deus o sacrifício de animais. Tanto os muçulmanos como os hindus ainda hoje têm certos sacrifícios de animais, se bem que a êles tenham atribuído significação diversa da do tempo bíblico. Sua verdadeira significação, dada por Deus, bem pode ser apresentada por êste meio. Evitará muita crítica da propiciação divina quando, mais tarde, fôr estudada a cruz de Cristo.
- f. A lei e a necessidade da morte de Cristo.
- g. Os resultados do pecado: morte, sua natureza, o estado do homem na morte; as ressurreições, o milênio, o fogo do inferno, o castigo dos ímpios, a morte da natureza carnal e o novo nascimento. Tópicos vários podem ser tratados separadamente, ligados a esta lição e à queda do homem. Cristo como remédio deve sempre ser repetido. (Seu nome não precisa ser usado a princípio; mas ser feita referência a Ele como o Redentor prometido, o Cordeiro de Deus, etc., aos que o desconhecem não é desaconselhável, e quando Cristo fôr apresentado como sendo Aquêle, estarão mais bem dispostos a aceitá-Lo.)

3. LIÇÕES DE ENOQUE E NOÉ

- a. A justiça pela fé, demonstrada por Enoque, com sua resultante recompensa.
- b. Tipos do fim do mundo apresentados na história do dilúvio — terminação da graça, a arca — Cristo e Sua verdade (Sua igreja pode ser usada); a obra do Espírito Santo; a grande mensagem preparatória e, com cuidado, a idéia do novo mundo para os justos (sem inculcar a falsa teoria de uma segunda oportunidade), mas então sem pecado nem mancha. "Noé e o Fim do Mundo" poderá ser um tópico sôbre os sinais da segunda vinda. "O Homem Fora da Arca" é, também, uma parábola eficaz para um dos sermões de apêlo finais da série.
- c. A lei e os concertos. O concêrto eterno feito com Noé, com o sangue do concêrto eterno centralizado em Cristo. Se sólidamente firmado êste ponto, consolida o sábado entre a Criação e o Sinai, para referência posterior.
- d. A permissão concedida para alimentação cárnea, a especificação das carnes imundas e a resultante redução da longevidade, confirma que o regime alimentar original, dado por Cristo, é o melhor.

4. LIÇÕES DA TORRE DE BABEL

A apostasia de Babilônia foi a primeira depois do dilúvio. Conseqüentemente, Babilônia espiritual é o nome dado a toda rebelião contra Deus. Lúcifer é o seu rei espiritual. Ver Isa. 14:4 e 12.

- a. A origem do culto do Sol e do domingo — e a conseqüente aversão que lhe vota Deus na Babilônia espiritual.
- b. Os paralelos entre as duas Babilônias.

5. LIÇÕES DE ABRAÃO

Possibilidades quase ilimitadas. Histórias excelentes para maometanos. Deve ser exercido muito cuidado nas referências a Isaque e Ismael.

- a. O chamado e a obediência de Abraão.
- b. Por que chamou Deus a Abraão como Seu servo escolhido; sua fé, obediência imediata, voluntariedade de abandonar o passado; separação de todos a quem amava; partir sem conhecer o futuro, etc. (Tanto para os judeus como para os muçulmanos, êste estudo estabelece um paralelo magnífico com o povo remanescente de Deus, desde que se aceite a Cristo — bom estudo de decisão para a aceitação da igreja remanescente).

- 1) Chamado a sair da apostasia babilônica que contaminava Ur.
- 2) Obediência imediata.
- 3) Sua fé no Messias como sendo o Cordeiro de Deus (comparar S. João 8:56 com o sacrifício de Isaque).
- 4) Não teve receio de ficar só.
- 5) Seu chamado foi para evangelizar as nações (em que o Israel literal fracassou).
- 6) Foram estas características espirituais que levaram Deus a fazer de Abraão Sua voz. Se quisermos ser herdeiros da promessa feita a Abraão, temos que possuir êstes característicos e, por Cristo, ser novamente enxertados em Israel.

c. A fé manifestada por Abraão.

d. O concêrto eterno confirmado com Abraão. (Reforça esplêndidamente o sábado, com Salmo 105:8-10.)

e. A história de Agar e Ismael — “Agar e o Anjo de Deus,” com a promessa divina relativa a Ismael, mas com a promessa de Cristo do concêrto, confirmada por meio de Isaque. Com Rom. 11 e Gál. 4:22-31, terminando com Gál. 3:27-29, pode ser feito forte apêlo para ampla participação das bênçãos de ser filho de Abraão mediante a aceitação de Jesus Cristo. Pode alguém ser filho carnal de Abraão através de Ismael, ou de Isaque, mas tornar-se filho espiritual por meio de Jesus Cristo. (Grande cuidado deve ser exercido na escolha das palavras dêste estudo para evitar a criação de preconceito enquanto se está ensinando a verdade.)

- f. A busca de Abraão de uma cidade construída por Deus e de uma terra celestial — o Céu e a nova Terra.
- g. O oferecimento de Abraão do filho da pro-

messia é um tipo da dádiva do divino Filho da promessa. Magníficas oportunidades para a apresentação de Cristo como o Cordeiro de Deus. Não deve ser feita referência aqui quer a Isaque quer a Jesus (entre muçulmanos), mas ao “Cordeiro de Deus” e ao “Filho da promessa.” Ver o item seguinte.

- h. O filho de Abraão e o Cordeiro de Deus. Neste estudo, Isaque, o tipo de Cristo, é suplantado pelo antítipo, o próprio Jesus, como filho de Abraão. Isto segue magnificamente e, aliado a Isa. 53 e a Dan. 9, presta-se bem para a apresentação das 70 semanas, mostrando assim quando Cristo viria. Aqui Cristo pode ser chamado pelo nome, mas será melhor a Ele referir-se como o Cordeiro de Deus — nunca deve ser chamado de “Filho de Deus” tão cedo perante uma congregação muçulmana. Êstes ensinam, às vêzes, haver sido Ismael, e não Isaque, o oferecido. Por isto, evite-se o preconceito e ensine-se a verdade concernente ao assunto central do Cordeiro de Deus se expressões tais como “filho da promessa,” “o unigênito filho da promessa,” “o herdeiro prometido,” “o menino,” “a criança,” “o jovem,” “o filho de Abraão,” etc., são usadas com referência a Isaque. Também o uso de *Khaleel-ullah* para Abraão ser bem apreciado por uma congregação muçulmana; isto corresponde à expressão árabe “amigo de Deus.”

i. O sacerdócio de Abraão e Melquisedeque.

j. Abraão e o dízimo.

6. LIÇÕES DE MOISÉS

a. Moisés e a Palavra de Deus. Os nomes arábicos de Moisés e Jesus, *Kalim-ullah* e *Kalam-ullah* respectivamente, possibilitam dirigir um estudo excelente sôbre Moisés como porta-voz de Deus, e sôbre Jesus como a Palavra de Deus (o que os dois nomes acima significam). No Qur'an (Alcorão) Jesus é chamado “a Palavra de Deus,” e bem poderíamos usar para Ele êsse nome perante uma congregação muçulmana, inicialmente, em vez de “o Filho de Deus”, que desperta preconceitos, tal como o faz João no comêço de seu evangelho, e o caminho pode ser bem preparado para a entrega da lei por Cristo, por intermédio de Moisés.

b. O profeta semelhante a Moisés — Cristo (não Maomé, como os muçulmanos ensinam, pelo que deve ser exercido cuidado na semântica).

c. Moisés e a ressurreição.

d. Cristo, Moisés e a lei.

e. O *Eu Sou* da sarça ardente; também Jeová da coluna de fogo e da nuvem, e a Rocha (I Cor. 10), e usados na devida seqüência, ajudarão até auditórios cristãos para o esclarecimento da “rocha” sôbre que está fundada a Igreja. Cristo sempre foi “a Rocha” (Deut. 32:4; Dan. 2:44 e 45; S. Mat. 21:42 e 44).

7. LIÇÕES DO SANTUÁRIO

- a. A significação dos sacrifícios de animais pressupõe a morte de Cristo.
- b. Os santuários terrestre e celestial.
- c. 2.300 dias, 70 semanas e o juízo.
- d. O ofício do sacerdote — tipo e antítipo.
- e. Lições dos móveis e emblemas do santuário (bem apropriadas perante auditórios católicos, e pode ser feito com Cristo como seu centro; de fato, o uso das lições do santuário encaixadas em outros tópicos ajuda a pregação centralizada em Cristo). Exemplos: pão, falta de fermento, sal, óleo, água, a bacia (a lavagem oferece boa base para a apresentação do batismo, se bem que deva ser exercido cuidado entre cristãos que usam isto como prova da aspersão), o altar, o incenso, o candelabro, a arca, os anjos (ministério para salvação, como mostram os anjos dentro do véu e sobre a arca).
- f. A comunicação de Deus com os homens, introduzida pelo Urim e o Tumim, os anjos no altar (como no caso de Zacarias), a presença no Shequiná, etc., preparam o ambiente para o dom de profecia).

8. LIÇÕES DA VIDA DE DAVI

Davi é bem conceituado entre os muçulmanos. Os salmos, ou *Zabur*, figuram no Alcorão em pé de igualdade com a Lei de Moisés. Entre os profetas do Velho Testamento, Davi e Moisés figuram acima dos demais, no que concerne aos muçulmanos, com exceção de Abraão (relação diversa, porém, visto que nunca escreveu texto doutrinário). Portanto, as lições de Davi podem ser usadas com eficiência. Usarei apenas uma ilustração, que tem sido usada com êxito, competindo ao leitor encontrar outras. *Ibn-i-Daud*, ou o Filho de Davi, usando S. Mat. 22:42-45, pode com êxito introduzir a Cristo em Sua perspectiva de poder da humanidade revestida da Divindade. Existem muitas outras possibilidades.

IV. Conclusão

Estas, e muitas mais, são histórias que tanto interessarão os auditórios simples como os mais cultos, se contadas como história, sem a intenção de argumentar para provar alguma coisa. Naturalmente, alguns destes tópicos se adaptam para a narrativa mais do que outros, e o narrador verificará ser necessário exercer bastante simplicidade para que em alguns casos o tópico seja apresentado como história. Não é que esses tópicos não possam ser usados de outra maneira com proveito — pois bem o seriam — e se alguém não pode contar uma história bem, pode ainda pregar um sermão sobre o mesmo assunto e apresentar aos ouvintes a verdade de maneira nova e tendo por centro a Cristo; mas verificamos que a maneira de narrativa é altamente proveitosa. Possui uma quantidade de vantagens. Dentre elas a principal é que uma história facilmente prende a atenção, e ao escutar uma história, não está o ouvinte maquinando uma porção de barreiras mentais a um argumento. Poderá haver dúvidas, mas o espírito de cavilação será grandemente reduzido, e nova iluminação pode assim penetrar nas mentes entenebrecidas. Se alguém

quiser argumentar uma declaração feita, poderá marcar uma entrevista pessoal, e isto ajuda a tratar com indivíduos sem levar o erro — na tentativa de provar a verdade por meio de contraste — à atenção das multidões. Este método também provê “o cantinho no sermão” para as crianças, mesmo em conferências públicas.

A narração da história pode ser ou uma descrição de atividades, ou um arranjo cronológico de acontecimentos de maneira interessante, usando, se possível, cartazes ou os mais simples auxílios visuais. As lições da vida de Jacó, José, Daniel, Elias e outros, são excelentes para certos grupos e assuntos.

Este esboço foi apresentado apenas como ilustração das possibilidades de apresentar as verdades centralizadas em Cristo por meio de uma história bíblica. Com este método não achamos necessário ser conhecedor profundo das doutrinas apóstatas de qualquer igreja, a fim de encontrar-lhe as fraquezas, ou seus pontos fortes, com que convencê-lo da verdade. O conhecimento amplo da verdade absoluta revelará toda falsidade correlata, mas o contrário não é verdade. Entretanto, bom será estar atento a certas diferenças de compreensão sobre fraseologia, tal como é usado pelas várias igrejas, para saber o que os auxiliará para levar-lhes a verdade em linguagem que compreendam, e o que devemos evitar por motivo da diversidade de interpretação. Oxalá o Senhor abençoe este esboço para a conquista de almas para o reino de Deus!

Os Homens de Que Se Necessita

O QUE a Igreja necessita nestes dias de perigo é de um exército de obreiros que, como Paulo, se tenham educado para servir, que tenham uma profunda experiência nas coisas de Deus, e que sejam cheios de fervor e zelo. Necessita-se de homens santificados e prontos ao sacrifício; homens que não se esquivem a provas e responsabilidades; homens que sejam bravos e verdadeiros; homens em cujo coração Cristo está formado “a esperança da glória,” e que com lábios tocados com santo fogo “preguem a Palavra.” Por falta de tais obreiros a causa de Deus definha, e erros fatais, como mortal veneno, pervertem a moral e minam as esperanças de grande parte da raça humana.

Quando os fiéis e exaustos porta-bandeiras imolam a vida pelo amor à verdade, quem irá à frente para lhes ocupar o lugar? Aceitarão nossos jovens o sagrado encargo das mãos de seus pais? Estão eles se preparando para preencher os claros que se apresentam pela morte dos fiéis? Será a exortação do apóstolo aceita, ouvido o chamado do dever, em meio aos incitamentos ao egoísmo e ambições que seduzem a juventude? ...

Depois de falar das cenas de seu julgamento perante Nero, da deserção de seus irmãos e da mantenedora graça de um Deus que guarda o concerto, Paulo terminou a carta recomendando seu amado Timóteo à guarda do Supremo Pastor, o qual, mesmo que os subpastores pudessem ser abatidos, cuidaria ainda de Seu rebanho. — *Atos dos Apóstolos*, págs. 507 e 508.

O Valor do Ofício do Canto

SYDNEY W. MATHER

(Takoma Park, Washington, EE. UU.)

COMO deve ser dirigida a parte musical de uma conferência de evangelização ou de culto de igreja, para que atinja os resultados almejados, e seja de proveito espiritual para todos? Não pensamos todos uniformemente quanto a este assunto e a opinião quanto à música na igreja difere enormemente. Assim, o dirigente do canto, em sua primeira noite, deve arranjar o seu programa de forma a que a maioria o aprecie. Tem êles que sair do salão, ou da igreja enlevados e decididos a voltar.

Um dicionário define a música como "melodia ou harmonia; qualquer sucessão de sons de forma tal que agrade o ouvido; a arte de produzir sons harmônicos e agradáveis ao ouvido." Uma definição de "musa" é "o poder do canto." Um hino é um canto de louvor ou de adoração. Ao cantarmos hinos adoramos a Deus. O cântico evangélico e o devido uso dos hinos, é uma parte do culto tanto quanto a oração. A Sra. Ellen G. White em muitos de seus escritos salienta a importância espiritual do canto em nosso culto bem como em conferências públicas.

Boa parte da responsabilidade de encher ou esvaziar nossos auditórios de evangelização cabe ao diretor do canto. Creio que a parte do canto deva ser usada com cânticos animadores e que produzam felicidade, convindo lembrar que há entre os presentes algumas pessoas que aí foram em busca de animação espiritual. Se o culto os decepciona neste ponto, elas nunca mais voltarão. Esta circunstância deve tornar-nos muito humildes em nossos cultos, e fazer-nos orar muito mais quando preparamos a parte do canto.

Deve o diretor do canto reconhecer que, em primeiro lugar, o seu propósito é pôr o auditório à vontade. Deve êle não somente criar um ambiente jubiloso e feliz, mas também de oração, na expectativa de outras boas coisas. Os preconceitos têm de ser quebrados. Deve ser produzida a impressão duradoura de que o serviço de canto é uma parte do culto, e não meramente para encher tempo antes de o orador ocupar o púlpito. Isto é muito importante se quereis que vosso auditório chegue antes do começo do sermão. Tem o diretor de côro tão grande oportunidade de influenciar os corações, com sua direção do canto, quanto o ministro com sua pregação. As melodias são muitas vezes mais bem lembradas do que as palavras, pelo que deve êle escolher boas melodias e, sobretudo, auxiliar o auditório a interpretar a mensagem do hino ou do cântico evangélico.

Quando eu me tornei diretor de canto na Inglaterra, auxiliando os evangelistas que ali iam, provenientes da América e da Austrália, decidi que faria quanto me fôsse possível para conservar as congregações com os hinos que conheciam e apreciavam, bem como com algumas melodias e coros novos que eu queria introduzir. Deus Se dignou de atender às nossas orações. Durante essas reu-

niões memoráveis realizadas em partes diferentes da grande cidade de Londres, algumas das quais se prolongaram no mesmo teatro por espaço de dezoito meses, muitos centenaes de pessoas chegaram ao conhecimento do poder salvador do evangelho de Cristo. Várias igrejas novas se formaram então.

A música foi feita para servir a um propósito santo — elevar os pensamentos dos homens acima das coisas da vida, baixas e mundanas, e fixá-los em assuntos nobres, puros e elevados. Deve a música suscitar na alma devoção e gratidão a Deus. Que contraste entre o uso para adoração, da música sublime, e os usos indignos e baixos a que é muitas vezes dedicada. Quantos usam êste dom para a exaltação própria, em vez de para a glorificação de Deus!

No livro *Educação*, págs. 167 e 168, a música é considerada "um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais," e "como parte do culto, o canto é um ato de adoração tanto como a oração. Efetivamente, muitos hinos são orações."

Somos aconselhados a "*cantar com o espírito e o entendimento.*" — *Mensagens aos Jovens*, pág. 292. Não é o canto *gritado* o de que se necessita, mas Deus espera que Seus servos a quem Ele concedeu o talento da apreciação da música, bem como o dom do cântico, que usem de "entonação clara" e "pronúncia correta." "Tomem todos tempo para cultivar a voz, de maneira que o louvor de Deus possa ser cantado em tons claros e suaves, sem os sons cuja aspereza ofende o ouvido. *A habilidade de cantar é um dom de Deus; seja êle empregado para Sua glória.*" — *Idem*. (Grifo nosso.)

Ao reconhecermos quão importante é o bom cântico, devemos fazer o que nos fôr possível para melhorar as normas, e fazer de cada hino ou côro uma oferta aceitável ao Senhor, que, Ele próprio ao sair do cenáculo para ir ao Getsêmani, saiu cantando. Como Lhe deve ter ajudado aquêle hino a percorrer o caminho até ao Jardim e à cruz!

O povo dêste mundo pecador e deprimido precisa imensamente da alegria que vem com o cantar "com o espírito e o entendimento". Todo soldado sabe como o andar se torna estranhamente mais leve se numa longa marcha um dentre êles se põe a cantar. O ajudatório do canto lhe permite prosseguir a marcha, quando um momento antes lhe parecia impossível dar um passo mais.

Quantas vezes não ouvimos expressões como estas: "Oh, não sinto vontade de cantar, estou muito preocupado." Ora, como se porta uma chaleira quando no fogo? Põe-se a cantar, naturalmente. "Quando estiverdes submersos em situação bastante quente, pensai na chaleira e cantai." A música é uma bênção quando usada no louvor e culto a Deus, e inspira a alma para manter-se na jornada para o alto.

Como dirigentes de canto devemos conhecer os

hinos de maneira tal que indiquemos às congregações algum particular especial que as capacite a cantar com melhor entendimento. Os dirigentes de música, no preparo de seus coros ou conjuntos corais devem ser capazes de interpretar o poema que foi musicado de maneira que a devida ênfase seja posta nas palavras ou versos que mais ressaltam o pensamento vital da mensagem.

Cantar no culto da igreja ou no serviço de canto, que o precede, é uma das formas mais elevadas de participar do culto a Deus, e não apenas alguma coisa para preencher tempo! Uma pintura artística tem boa aparência num cavalete, mas quando bem-emoldurada adquire beleza maior. Considero o sermão um quadro, e a música, a moldura

que o circunda e lhe faz realçar muito a beleza.

Tanto as pessoas assentadas entre a congregação quanto o diretor do canto, na plataforma, necessitam do mais amplo reconhecimento de que a música pode ser um forte elemento nas mãos de Deus para levar homens e mulheres a um melhor conhecimento de seu Criador e à mais ampla dedicação da vida a Ele. A música sacra incitar-lhes-á o coração para orar e preparar-se para cantar o cântico dos remidos no mar de vidro, e para juntar-se aos coros angélicos no louvor a Deus. Com a vista e o ouvido sintonizados com o Céu podemos discernir "linguagem nas árvores, livros nos cursos d'água, sermões nas pedras, e o bem em cada coisa."

A Sra. Ellen G. White e as Notícias Diárias

PARTE II

ARTHUR L. WHITE

(Secretário, Escritos da Sra. E. G. White)

Correntes Elétricas

DE quando em quando, ultimamente, têm aparecido nos jornais artigos com referência à electroencefalografia — ciência que trata das correntes elétricas no corpo humano. Os adventistas do sétimo dia que manusearam *Scientific American*, de junho de 1954, sem dúvida leram com interesse o artigo de W. Grey Walter, intitulado "A Atividade Elétrica do Cérebro", e provavelmente se lembraram de algumas declarações conhecidas, contidas nos livros da Sra. Ellen G. White, algumas das quais de seus primeiros livros. Mas, primeiramente, notemos alguns pontos interessantes apresentados pelo Sr. Walter:

Há vinte e cinco anos Hans Berger, psicanalista alemão que trabalhava com Jena, começou a publicar umas fotografias estranhas que nada mais continham do que linhas sinuosas. Deviam elas ter causado grande excitação entre os colegas, porque ele pretendia que mostrassem a atividade elétrica do cérebro humano. Em verdade, porém, ninguém o levou a sério. Durante muitos anos ninguém se incomodou com repetir seus experimentos.

No quarto de século que medeou desde então, o estudo de suas pequenas linhas sinuosas transformou-se num novo ramo da Ciência, chamado "electroencefalografia." Hoje, várias centenas de laboratórios nos Estados Unidos, e igual quantidade na Europa, registam e interpretam diagramas de descargas elétricas do cérebro humano. A quantidade total desses diagramas, se posta lado a lado, circundaria a Terra. Os hospitais, em todo o mundo, arquivam milhares e milhares de diagramas do cérebro. — Pág. 54.

Discorre então o autor sobre essas correntes, que não somente podem ser traçadas em mapa, mas também medidas em sua quantidade de volts:

Os sinais são em geral classificados pela frequência de suas vibrações elétricas. As oscilações ori-

ginais de Berger, a que chamou ritmos *alfa*, manifestam-se em uma faixa de frequência de oito a treze oscilações por segundo — isto é, quase tão rápido quanto é possível movimentar um dedo. Seu tamanho, ou amplitude, é cerca de trinta milionésimos de um volt. Nem a frequência nem a amplitude são constantes. Cada indivíduo tem seu próprio tipo característico de vibração na frequência e comprimento de onda. Assim, seu diagrama é tão pessoal quanto a própria assinatura. — *Idem*, pág. 55.

O Sr. Walter publicou o seu artigo em 1954. Um retrocesso de vinte e cinco anos, ao tempo das experiências de Berger, levar-nos-ia ao ano 1922, catorze anos depois de a Sra. Ellen G. White haver deposto sua pena fecunda. Sessenta anos antes de Berger haver produzido seu trabalho inicial, a Sra. Ellen White escreveu:

"Seja o que fôr que perturbe a circulação das correntes elétricas no sistema nervoso, diminui a resistência das forças vitais, e o resultado é um amortecimento das sensibilidades da mente." — *Test. Sel.* [edição mundial], Vol. I, pág. 257.

Novamente, em 1872, três anos mais tarde, fez ela referência à eletricidade no corpo, ao escrever dos que não fazem uso apropriado das faculdades mentais:

"Esta classe sucumbe mais facilmente se é atacada por enfermidade, porque o organismo é vitalizado pela força elétrica do cérebro para resistir à enfermidade." — *Testimonies*, Vol. III, pág. 157.

Declarações idênticas apareceram em 1903 em seu livro *Educação*, págs. 197 e 209. Nesses anos longínquos em que a Sra. Ellen White assim escreveu, o conceito de haver correntes elétricas no corpo era absolutamente estranho ao pensamento dos médicos. De fato, pouquíssimo se sabia acerca da eletricidade naquele tempo. Agora, porém, oitenta e cinco anos depois de que a Sra. Ellen White escreveu acerca das "correntes elétricas no sistema nervoso," verificamos que o mundo cientí-

fico está prestando atenção às fracas e pulsantes correntes elétricas que emanam do cérebro, cuja frequência e tamanho variam com cada indivíduo. O que pode haver parecido inconcebível quando Ellen White escreveu em anos passados quanto às correntes elétricas do cérebro, vemos hoje ser corroborado pelos descobrimentos de homens sérios e estudiosos no campo científico.

A Influência Pré-natal

Em 3 de junho de 1953, apareceu este tópico na imprensa: "O Feto Pode Ser 'Marcado' pelas Emoções da Mãe."

Nova York (AP): As emoções da mulher grávida podem realmente "marcar" o seu filho que ainda está por nascer, tornando neurótica a criança, disse hoje o Dr. William S. Kroger, de Chicago. Pode a criança predispor-se para as doenças psicossomáticas, os achaques oriundos de distúrbios emocionais e não físicos, disse êle. Esta espécie de efeito não é o mesmo do das velhas histórias de que se a mulher se assusta de uma aranha, por exemplo, seu filho terá marcas de nascença.

Kroger, ginecólogo da Escola de Medicina de Chicago, comunicou à Associação Médica Americana alguns aspectos psicossomáticos da ginecologia e obstetrícia.

Estas palavras muito fazem lembrar aos adventistas do sétimo dia uma porção de declarações da pena da Sra. Ellen G. White no assunto da influência pré-natal. Cito a primeira dessas declarações do artigo por ela escrito em 1865.

Em gerações passadas, se as mães se houvessem informado quanto às leis do seu ser, teriam elas compreendido que o vigor de sua constituição, bem como o seu tono moral e suas faculdades mentais, estariam em grande medida representados em sua descendência. Sua ignorância neste assunto, onde tanto está empenhado, é criminosa. — *How to Live*, No. 2, pág. 37.

O que se tornou inédito no item do Dr. Kroger é que por várias gerações foi geralmente aceito nos círculos científicos que o feto não é atingido pelos hábitos nem pelo estado mental da mãe. Isto parecia pôr as declarações de Ellen White, quanto à influência pré-natal, em desacôrdo com o mundo científico. Especialmente em *A Ciência do Bom Viver*, publicado em 1905, ela salientou este ponto em termos claros e incisivos:

"O que são os pais, em grande parte, hão de ser os filhos. As condições físicas dos pais, suas disposições e apetites, suas tendências morais e mentais são em maior ou menor grau, reproduzidas em seus filhos. Quanto mais nobres os objetivos, mais elevados os dotes mentais e espirituais e mais desenvolvidas as faculdades físicas dos pais, mais bem aparelhados para a vida se encontrarão os filhos. . . ."

"A responsabilidade repousa especialmente sobre a mãe. Ela, de cujo sangue a criança se nutre e forma fisicamente, comunica-lhe também influências mentais e espirituais que tendem a formar-lhe a mente e o caráter. . . ."

"O efeito das influências pré-natais é olhado por muitos pais como coisa de somenos importância; o Céu, porém, não o considera assim.

"Mas se a mãe se atém sem reservas aos retos princípios, se é temperante e abnegada, bondosa,

amável e esquecida de si mesma, ela pode transmitir ao filho os mesmos traços de caráter." — *A Ciência do Bom Viver*, págs. 323 e 324.

Dêsses aspectos mais gerais, Ellen G. White passa então para o assunto da alimentação, e diz:

"Muitos aconselham insistentemente que todo desejo da mãe seja satisfeito; assim, se ela deseja qualquer artigo de alimentação, mesmo nocivo, devia satisfazer plenamente o apetite. Tal método é falso e pernicioso. As necessidades físicas da mãe não devem de modo algum ser negligenciadas. . . . Mas neste tempo, mais que em qualquer outro, tanto no regime alimentar como em tudo mais, deve evitar qualquer coisa que possa enfraquecer-lhe o vigor físico ou mental." — Págs. 324-326.

Da alimentação, passa então Ellen White para as atitudes da mãe e a importância de o marido e pai demonstrar amor e afeto.

"A mãe deve cultivar disposição alegre, contente e feliz. Todo esforço neste sentido será abundantemente recompensado, tanto na boa condição física como no caráter de seus filhos. O espírito satisfeito promoverá a felicidade de sua família, melhorando em alto grau a saúde dela própria.

"Ajude o marido à esposa, mediante simpatia e constante afeto." — Págs. 326 e 327.

Estas declarações de *A Ciência do Bom Viver*, que estiveram em desacôrdo com o pensamento dos círculos científicos durante muitos anos, mas foram corroboradas pela declaração de Kroger, foram postas em evidência ainda maior pelo aparecimento em fevereiro de 1954, de um artigo em *Ladies Home Journal*, que tinha por título: "Existe Influência Pré-Natal." Debaixo do título aparece a seguinte nota explicativa:

"Há anos criam os cientistas que vosso filho visse uma existência isolada, protegida de toda influência externa, mas isto não é verdade. Novidade excitante é que podeis controlar o desenvolvimento de vosso filho antes de seu nascimento."

Este artigo não foi escrito por nenhum neófito, nem por alguém que estivesse tentando um ingresso sensacional na imprensa, mas pelo Dr. Ashley Montagu, autoridade cautelosa. Num parágrafo que prefacia o artigo e aparece em grifo, é devotado às várias opiniões mantidas por êsse médico, mundialmente famoso antropologista, biólogo social, conferencista e escritor. O artigo é longo, e só posso fazer umas poucas referências. Interessante é observar, porém, que êsse médico — o que é considerado um descobrimento extraordinário — apresenta os mesmos pontos que Ellen G. White salientou há já tantos anos. Escreve êle:

"Existe agora suficiente prova de muitas fontes para indicar que a criança ainda por nascer pode ser de maneiras várias afetada pelas alterações físicas da mãe e, se bem que a mulher não possa 'marcar' o filho por ver alguma coisa desagradável antes de êle nascer nem torná-lo poeta com ler Keats e Shelley durante a gravidez, há maneiras em que ela definitivamente pode influenciar a sua maneira de proceder. Em grande medida dela depende, e dos que a circundam durante a gravidez, se a criança nascerá feliz, saudável, bem-humorada, ou um desajustado neurótico."

Prossegue êle, então, numa tentativa de convencer os leitores:

"Se isto se afigura excêntrico ou estravagante, tende a certeza de que é estritamente científico como qualquer outra coisa por mim já escrita. A mulher que é perturbada durante a gravidez, que se deixa aborrecer indevidamente, que não vive sossegada e pacificamente no amor do marido e da família, pode estar em tal estado de tensão emotiva que sua economia nutritiva fica perturbada."

Depois de apresentar uma ilustração documentária dêste ponto, declara o Dr. Montagu:

"Nesta como em tôdas as outras áreas da existência humana, o amor é a melhor garantia do crescimento saudável. Se a mãe é bastante amada, seu bem-estar provavelmente estará garantido, e o bem-estar da mãe significa o bem-estar da criança que ela nutre."

Volta-se então o Dr. Montagu para a questão da alimentação. Quanto a isto diz êle categoricamente:

"Por certo o assunto da alimentação da grávida não pode ser salientado com força exagerada. Óbvio é que o feto pode ser influenciado pelo alimento que a mãe consome."

Trata êle, então, da satisfação dos desejos da mãe no terreno da alimentação:

"Outra 'história de senhoras idosas,' muito repetida é a de que os desejos muito peculiares da grávida por certos alimentos seriam prejudiciais para a criança que está para nascer. A ciência, antigamente, ridicularizava êsse contrassenso, mas neste ponto também as senhoras idosas parecem ter razão, e estarem os cientistas mal-informados."

"Há agora prova de que muitos casos de alergia alimentar das crianças podem ser atribuídos aos hábitos de alimentação da mãe durante a gravidez. O Dr. Bret Ratner, de Nova York, e muitos outros pesquisadores, possuem disto provas abundantes."

Sumariando seus descobrimentos feitos num período de muitos anos, declara o Dr. Montagu:

"Portanto, as futuras mães podem cooperar no desenvolvimento saudável dos filhos evitando a ingestão excessiva de qualquer alimento. Grave alergia pode desagradavelmente afetar tôda a vida física e emotiva do indivíduo. . . . A saúde mental e física da criança começa com a saúde do feto. Seu cuidado começa com o cuidado do feto. Neste sentido, nada é mais importante do que a saúde e o bem-estar da mãe que o nutre."

"A criança tem que ser amada, mesmo antes de nascer, por uma mãe que seja amada. Isto, realmente, é o que se sabe neste sentido, e podia ser mais simples."

Para nós, estas palavras soam muito semelhantes às citadas de *A Ciência do Bom Viver*, escritas meio século antes desta descoberta científica. Uma vez mais as pesquisas de cientistas esmerados de hoje fornecem prova que corroboram os conselhos da mensageira especial do Senhor.

Os Ovos

Outro ponto em que houve confirmação científica muitos anos depois das declarações de Ellen G. White sôbre um ponto que abordava a alimentação com base científica, diz respeito ao assunto dos ovos como elemento medicinal. Em 1901, um de nossos médicos de além-mar sofria de anemia perniciososa, produzida por alimentação mal-orientada. Houvera abstenção prematura do uso de produtos

lâcteos, especialmente no regime alimentar isento de carne. Ellen White, em carta a êle dirigida, deu-lhe o conselho que resultou na salvação de sua vida. Disse ela:

"Vosso apêgo aos sãos princípios está levando-vos a submeter-vos a um regime alimentar que vos dá uma experiência que não recomendará a reforma pró-saúde. . . . É necessário que façais modificações, e isto imediatamente. Ponde em vossa alimentação alguma coisa de que vos tendes privado. Tendes o dever de fazer isto. Consegui ovos de aves saudáveis. Usai os ovos, cozidos ou crus. Ponde-os, crus, no melhor vinho não fermentado que possais encontrar. Isto suprirá o que vos é necessário para o organismo. Não penseis que não é correto fazer isto. . . . Os ovos contêm propriedades que são agentes medicinais na neutralização de venenos." — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 204.

O doutor, que estava então iniciando-se na profissão, seguiu êste conselho. Usou ovos em suco de uva, o que lhe salvou a vida, e ao ser escrito êste artigo, o prezado e idoso médico ainda vive, se bem que aposentado, como testemunha da verdadeira reforma pró-saúde. A declaração feita por Ellen White nesta comunicação foi por ela repetida em sua declaração geral sôbre o assunto da reforma pró-saúde, que apresentou à Associação Geral em 1909. Nessa ocasião, disse ela:

"Não devemos considerar violação do princípio, usar ovos de galinhas bem-tratadas e convenientemente alimentadas. Os ovos contêm propriedades que são agentes medicinais neutralizantes de certos venenos." — *Test. Sel.* [ed. mundial], Vol. III, pág. 362.

Os adventistas do sétimo dia leram e rleram esta declaração e, se bem que fôsse aceita por estar entre os ensinamentos da Sra. E. G. White sôbre saúde, não possuía significação especial. Não foi senão após trinta anos que Mellanby mostrou, por meio de seu trabalho experimental, que na alimentação que consiste principalmente de cereais existe uma deficiência de vitamina A, ou carotina, que ocasiona desmielinização das fibras nervosas (perda da isolação da fibra nervosa). A gema do ovo contém vitamina A, e assim, o testemunho referente às propriedades do ovo que neutraliza certos venenos, escrito antes de que as vitaminas fôsem conhecidas, foi corroborado cientificamente por cuidadosa pesquisa. E o Dr. G. K. Abbott, que aborda exaustivamente o assunto num artigo publicado em *The Testimony of Jesus* (ed. de 1934), por F. M. Wilcox, assinala que também foi descoberto que certos cereais não apenas têm falta de vitaminas, mas contêm "uma substância anticalcificante." Esta situação se torna crítica em caso de alimentação deficiente em vitamina D. Cita o Dr. Abbott o *Journal of the American Medical Association*:

"O próprio Mellanby foi o primeiro a mostrar que o efeito anticalcificante dos cereais ou extratos de cereais podem ser completamente anulados com a adição ao alimento de quantidades adequadas de vitamina D na forma de óleo de fígado de bacalhau, gema de ovo ou gorduras irradiadas, ou pela irradiação do animal, ou mesmo do próprio cereal."

Assim, em carta a um de nossos médicos, em



NOTAS E NOTÍCIAS

◆ A "INTOCABILIDADE" ficou suprimida oficialmente na Índia. Uma lei do Parlamento estabelece que a prática da mesma constitui crime que poderá ser castigado com sessenta e seis meses de cadeia e multa de 500 rúpias.

◆ É já costume fixar a data de 1450 para a fundação da Biblioteca Vaticana. Antes de Nicolau V, havia no Palácio dos Papas, tanto em Roma como em Avinhão, livros que se consideravam mais como propriedade particular de cada Papa e para seu uso privado. Nicolau V recebeu do seu antecessor, Eugênio IV, 340 volumes. Desde o começo do seu reinado, servindo-se de uma rede de agentes espalhados pelo mundo, o Papa humanista procurou localizar, copiar e adquirir os melhores manuscritos que se descobrissem. Vez houve em que enviou expressamente um emissário até à Noruega, para adquirir um exemplar de Tito Lívio. Quando faleceu, Nicolau V deixou à Biblioteca Vaticana 807 códices latinos e 353 gregos. Desde então, a Biblioteca foi crescendo sempre.

Sixto IV (1471-1484) elevou o número dos códices até 3.650 divididos em quatro grandes seções: latina, grega, secreta e pontífica. Mandou aplicar quatro grandes salas no Palácio do Vaticano, então em plena fase de construção; os livros, quase todos com cadeias, foram colocados por cima de bancos ou dentro de armários e cofres. Como depressa o local parecesse insuficiente, o mesmo Papa mandou que, no andar superior, se construísse uma grande sala com setenta metros de comprimento; no andar inferior trabalhavam os sábios encarregados da edição das obras dos Santos Padres, em conformidade com os manuscritos existentes.

1901, Ellen G. White expôs dois fatos: que os ovos contêm propriedades medicinais, e que elas neutralizam certos venenos. Trinta anos mais tarde a pesquisa científica cuidadosa fornece a prova dessas declarações feitas com base na revelação.

Certamente podemos dizer que Ellen G. White escreveu bem antes da ciência médica. E a recapitulação destes fatos não nos confirmam no coração a confiança na mensagem da pena profética, quer no sentido da teologia quer na orientação da Igreja, no viver cristão, no preparo para o encontro com o Senhor ou nas declarações de caráter científico?

Mas, de todos os assuntos científicos abordados pelas declarações de Ellen G. White, o que é pôsto em foco justamente agora pelos artigos da imprensa é o hipnotismo. Isto será tratado em nosso próximo artigo de conclusão desta série.

(Termina com o próximo número)

Hoje são uns 60.000 os códices, divididos em latinos, gregos, árabes, armênios, coptos, etíopes, georgianos, hebreus, indianos, persas, siameses, síriacos, turcos, etc.

Os códices mais importantes conservam-se em armários na Sala Sixtina: Uma Bíblia em grego do século IV; quatro manuscritos das obras de Vergílio, dos séculos III ao V; um palimpsesto com a obra *De República*, de Cícero; uma *Divina Comédia*, de Dante, ilustrada pelo pintor Boticelli; autógrafos de Pio II, de Savonarola, de Lutero, de Erasmo, de Henrique VIII da Inglaterra; cancioneiros copiados por Petrarca; etc.

Há mais de 6.000 incunábulo, isto é, livros editados nos primeiros tempos da imprensa (antes de 1501). Os livros, catalogados segundo os métodos mais modernos, ultrapassam o número de 600.000. A Biblioteca recebe mais de 800 revistas, com um total de 4.200 fascículos por ano.

Antes de 1939, entravam na Biblioteca cerca de 4.250 obras cada ano. As estampas colecionadas em 161 volumes, no tempo de Pio VI, antes de 1793, perfazem o número de 32.000, divididas por escolas. Hoje passam já de 90.000.

O gabinete numismático, segundo o inventário de 1934, consta de 7.264 moedas romanas, anteriores ao império; 22.408, para o tempo do império; 1.262 moedas bizantinas; 9.972 gregas, etc.

◆ Os quatro Evangelhos em que se baseia a tradição cristã foram redigidos em épocas diversas. O primeiro, segundo se considera geralmente, é o de S. Mateus, que escreveu provavelmente para os judeus e, assim, na língua que eles falavam, o siro-caldáico ou aramáico. Supõe-se haver sido escrito pelos fins dos dez primeiros anos depois da morte de Cristo, havendo uma tradução grega, feita por um desconhecido.

O de São Marcos, que tem grande semelhança com o primeiro, tanto que Santo Agostinho denominou S. Marcos o "abreviador" de S. Mateus, admite-se ter sido escrito em grego, mas em Roma, na época da viagem de São Pedro a essa cidade. Quanto ao de São Lucas, evidencia-se de suas primeiras linhas que foi escrito depois dos outros dois, pois declara conhecer as narrativas anteriores e pretender escrever uma nova. Escrito também em grego, deve tê-lo sido na Acaia, por volta do ano 63.

O de São João, que é muito diverso dos outros três, é também posterior, até, ao seu Apocalipse. Foi escrito em Éfeso, entre os anos 80 e 90, já para combater interpretações que surgiram sobre Jesus.